Marie-Louise von Franz concedeu duas entrevistas à rádio Cultura Francesa no final dos anos de 1970: *O grito de Merlin* e *Sonhos e o destino*, ambas tratando da questão existencial da *busca de sentido*, que constitui o caminho da alma para a autorrealização e o encontro da própria identidade.

Em *O grito de Merlin*, encontramos conceitos da psicologia junguiana presentes no processo de autoconhecimento. Em *Sonhos e o destino*, Von Franz identifica, no arcabouço onírico, a hipótese de continuidade da alma para além da morte do corpo físico. Neste pequeno livro encontramos Von Franz tratando de grandes questões que pulsam no íntimo de cada um de nós.

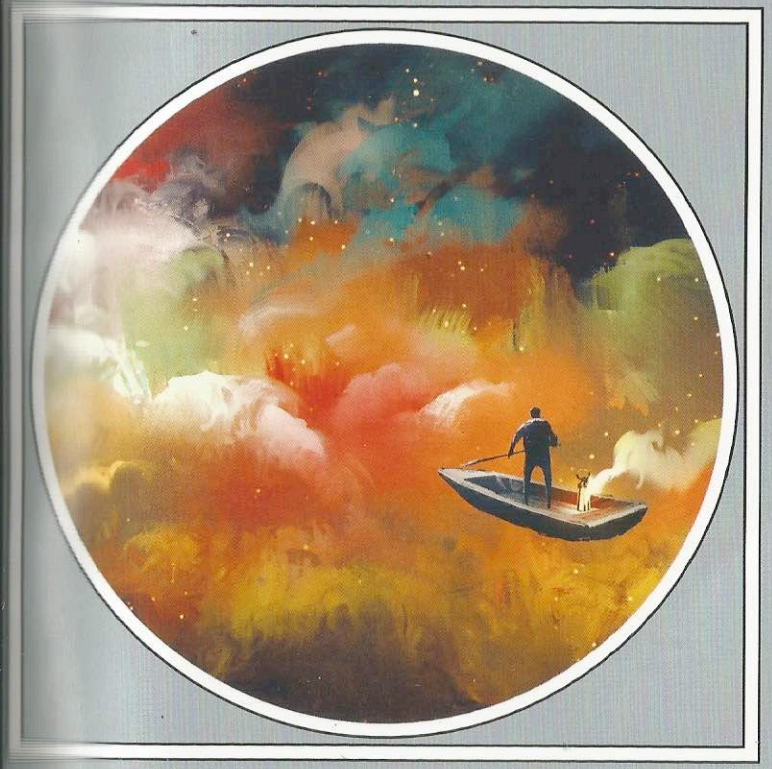
MARIE-LOUISE VON FRANZ (1915-1998) trabalhou com Jung por quase trinta anos. Autoridade reconhecida na área da interpretação psicológica de sonhos, contos de fada e textos alquímicos, escreveu muitos livros sobre esses assuntos. Outros títulos de sua autoria publicados pela Paulus são: • *A individuação nos contos de fada* • *A interpretação dos contos de fada* • *O gato: um conto da redenção feminina* • Puer Aeternus*: a luta do adulto contra o paraíso da infância*.

Amor e Psique

ISBN 978-85-349-4814-2

A BUSCA DO SENTIDO

Marie-Louise von Franz



PAULUS

A BUSCA DO SENTIDO

Coleção **Amor e Psique**

Coordenação: Dra. Maria Elci Spaccaquerche
e Dr. Léon Bonaventure

Autoconhecimento e a dimensão social (0)
- *Encontros de psicologia analítica*, Maria Elci Spaccaquerche (org.)
- *Família em foco (A): sob as lentes do cinema*, Marfiza Terezinha Ramalho Reis; Maria Elci Spaccaquerche
- *Jung, o médico da alma*, Viviane Thibaudier
- *Meditações sobre os 22 arcanos maiores do tarô*, Anônimo

Contos de fadas e histórias mitológicas
- *Gato (O): um conto da redenção feminina*, Marie-Louise von Franz
- *Individuação nos contos de fada (A)*, Marie-Louise von Franz
- *Interpretação dos contos de fada (A)*, Marie-Louise von Franz
- *Mitologemas: encarnações do mundo invisível*, James Hollis
- *O que conta o conto?*, Jette Bonaventure

Corpo e a dimensão fisiopsíquica
- *Dioníso no exílio: sobre a repressão da emoção e do corpo*, Rafael Lopez Pedraza
- *Medicina arquetípica*, A. J. Ziegler
- *Presença no corpo: eutonia e psicologia analítica*, Marcel Gaumond

Feminino (0)
- *Deusas e a mulher (As)*, Jean Shinoda Bolen
- *Liderança feminina: gestão, psicologia junguiana, espiritualidade e a jornada global através do purgatório*, Karin Jironet
- *Medo do feminino (O)*, Erich Neumann
- *Mistérios da mulher (Os)*, Mary E. Harding
- *O que conta o conto? (II) – Variações sobre o tema mulher*, Jette Bonaventure
- *Prostituta sagrada (A)*, Nancy Qualls-Corbett

Masculino (0)
- *Deuses e o homem (Os)*, Jean Shinoda Bolen
- *Pai e a psique (O)*, Alberto Pereira Lima Filho
- *Sob a sombra de Saturno*, James Hollis

Maturidade e envelhecimento
- *Assombrações: dissipando os fantasmas que dirigem nossas vidas*, James Hollis
- *No meio da vida: uma perspectiva junguiana*, Murray Stein
- *Passagem do meio (A)*, James Hollis

Psicologia e religião
- *Uma busca interior em psicologia e religião*, James Hillman

Psicoterapia, imagens e técnicas psicoterápicas
- *Abuso do poder na psicoterapia e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério (O)*, Adolf Guggenbühl-Craig
- *Letras imaginativas: breves ensaios de psicologia arquetípica*, Marcus Quintaes
- *Mistério da coniunctio (O): imagem alquímica da individuação*, Edward F. Edinger
- *Mundo secreto dos desenhos (O): uma abordagem junguiana da cura pela arte*, Gregg M. Furth
- *Mundo interior do trauma (O): defesas arquetípicas do espírito pessoal*, Donald Kalsched
- *Psicoterapia junguiana e a pesquisa contemporânea com crianças: padrões básicos de intercâmbio emocional*, Mario Jacoby
- *Psiquiatria junguiana*, Heinrich Karl Fierz
- *Saudades do paraíso: perspectivas psicológicas de um arquétipo*, Mário Jacoby

Puer (0)
- *Livro do puer (O): ensaios sobre o arquétipo do puer aeternus*, James Hilman
- *Puer aeternus*, Marie-Louise von Franz

Relacionamentos e parcerias
- *Eros e pathos: amor e sofrimento*, Aldo Carotenuto
- *Parceiros invisíveis (Os): o masculino e o feminino*, John A. Sanford

Sombra
- *Mal, o lado sombrio da realidade*, John. A. Sanford
- *Pantanais da alma (Os)*, James Hollis

Sonhos
- *Aprendendo com os sonhos*, Marion Rausch Gallbach
- *Breve curso sobre os sonhos*, Robert Bosnak
- *Busca do sentido (A)*, Marie-Louise von Franz
- *Como entender os sonhos*, Mary Ann Mattoon
- *Pã e o pesadelo*, James Hillman
- *Sonhos e a cura da alma (Os)*, John A. Sanford
- *Sonhos na psicologia junguiana: novas perspectivas no contexto brasileiro*, VV.AA.

Marie-Louise von Franz

A BUSCA DO SENTIDO
Entrevistas radiofônicas

Tradução:
Nancy Donnabella
Inácio Cunha, PhD

PAULUS

Título original: *La Quête du Sens*
© Ina 1978-1986

Tradução: *Nancy Donnabella e Inácio Cunha*

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Franz, Marie-Louise von, 1915-1998.
A busca do sentido: entrevistas radiofônicas / Marie-Louise von Franz; tradução Nancy Donnabella, Inácio Cunha. -- São Paulo: Paulus, 2018.
Coleção Amor e psique.

Título original: *La quête du sens.*
ISBN 978-85-349-4814-2

1. Destino e fatalismo - Aspectos psicológicos 2. Jung, Carl Gustav, 1875-1961 2. Psicologia junguiana I. Título. II. Série.

18-19291 CDD-150.1954

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicologia junguiana 150.1954

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**

1ª edição, 2018

© PAULUS – 2018

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Tel. (11) 5087-3700 • Fax (11) 5579-3627
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4814-2

INTRODUÇÃO À COLEÇÃO AMOR E PSIQUE

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. Os viajantes desses caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas também o amor precisa de alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas para as nossas feridas e os nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma assim como ela é. Desse modo é que poderemos reconhecer que essas feridas e esses sofrimentos nasceram de uma falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Assim a nossa própria vida carrega em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, mas o psíquico e depois o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão para a teologia.

Essa perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a práti-

ca psicoterápica, e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia. É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana, do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência para podermos reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos aqueles que são sensíveis à necessidade de inserir mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e "ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entender novamente a linguagem da alma", como C. G. Jung o desejava.

Léon Bonaventure

NOTA DA EDIÇÃO BRASILEIRA

O texto que se segue é uma tradução para o português de duas entrevistas concedidas por Marie-Louise von Franz a Claude Mettra, produtor da programação da estação de rádio Cultura Francesa, do grupo Radio France. A primeira, "O grito de Merlin", foi divulgada em 18 de fevereiro de 1978 e 16 de julho de 1979; já a segunda, "Os sonhos e o destino", pôde ser ouvida entre os dias 1º e 3 de dezembro de 1986. Esta última coincidiu com a época do lançamento da versão francesa do livro *Traum und Tod* (*Os sonhos e a morte*), que fora traduzida, para o francês, por Luigi Aurigemma, também presente durante a entrevista.

Considerando-se que a língua materna de Marie-Louise von Franz não era o francês, algumas ligeiras adaptações foram feitas durante a preparação do texto naquele idioma. A publicação dessas entrevistas no ano de 2010, na França, foi acompanhada por 2 CDs com o registro das conversas, tal como aconteceram. Esta edição brasileira, contudo, não traz essas gravações, uma vez que os originais estão em francês. Não obstante, a versão para o português tentou manter o mesmo tom coloquial registrado no texto original, também com pequenas adaptações para nossa língua, para que o nosso leitor possa, igualmente, desfrutar da espontaneidade e maestria da Dra. Marie-Louise na lida com a Psicologia Analítica Junguiana.

As duas entrevistas foram concedidas quando a analista já havia alcançado um alto nível de excelência, tanto do ponto de vista da experiência quanto do conhecimento da alma humana. Isso lhe conferia um lugar de destaque, não apenas como a colaboradora mais virtuosa de Jung, mas também como uma fonte própria de inspiração para aqueles que encontraram na Psicologia Analítica Junguiana o veículo para compreensão de si próprios e daqueles a quem assistem em seus consultórios analíticos.

O registro dessas duas entrevistas nos permite visualizar, de forma alegórica, certa condição de *transitus* em que a Dra. Marie-Louise se encontrava naquele período. Podem-se apreciar tanto os seus comentários acerca do curso da alma humana, enquanto se desenvolve nesta vida do aqui e agora, como também aprender com as reflexões que ela nos oferece em relação às hipóteses e debatíveis possibilidades de prosseguimento dessa alma que, talvez, ocorra do lado de lá, após a morte. Com "O grito de Merlin", o leitor poderá, inclusive, retomar alguns dos conceitos básicos que estruturam a psicologia junguiana, o desenvolvimento do indivíduo e os desafios por que passa neste percurso em direção à sua própria identidade. Nessa sessão, tanto a figura mitológica de Merlin quanto a personalidade de Carl Gustav Jung são emuladas como referenciais desta incessante pulsão para a autorrealização. Condição esta também presente em cada um de nós, à espera de ser desenvolvida.

Na segunda entrevista, "Os sonhos e o destino", a Dra. Marie-Louise já se encontrava bastante acometida pela doença de Parkinson, vindo a falecer dois anos mais tarde. Aqui ela vasculha o material onírico que vislumbra outra demanda existencial relacionada à eternidade, ou seja, à hipótese da continuidade da fruição da alma que talvez aconteça a despeito da morte do corpo físico. Sua voz, então, flui mais parcimoniosa, o tom é grave e lento, tipificando a condição de que

a eternidade, sendo atemporal, não pode prescindir do que se constrói também no aqui e agora. A analista discute, nesse momento, portanto, a sua humanidade diante da eternidade!

Sendo, pois, material de Marie-Louise von Franz, sempre se está diante de um elixir.

A despeito das mínimas adaptações para o português que manteve, inclusive, a repetitividade de determinadas expressões comuns no colóquio, esta edição brasileira também adequou o referencial bibliográfico, de acordo com as publicações disponíveis na nossa língua.

Inácio Cunha, PhD
Analista Junguiano
Belo Horizonte, 2018

O GRITO DE MERLIN

Entrevista transmitida em 18 de fevereiro de 1978 e 16 de julho de 1979

Claude Mettra (CM): A lenda de Merlin fala desta criatura, filha de uma virgem e do diabo, que, após medrar por um longo tempo pelo mundo, finalmente sucumbiu aos encantos de Niniane. Ele se torna prisioneiro de seu poder e, depois, desaparece de nosso mundo por haver se perdido no mundo do lado de lá, de onde não se pode mais ter contato com ele, a não ser através de seu grito. Entretanto, eu creio, Marie-Louise von Franz, que tanto esse grito de Merlin quanto a sua pessoa, propriamente dita, tenham sido muito importantes para você.[1]

Marie-Louise von Franz (MLvF): Sim, porque, para a psicologia de Jung, o grande problema da modernidade é o problema do mal. Não podemos mais escapar dessa questão. Com todas as coisas que vêm surgindo no mundo e tudo aquilo advindo das guerras mundiais, não podemos mais deixar de considerar esse tema. Na teologia cristã, mas não na sua prática, há uma tendência a se negar o mal; ou seja, a *privatio boni*. Isto é um otimismo cristão que empresta ao crente um grande *élan*, e que o impede de considerar o problema do mal de modo mais sério. A questão do mal em qualquer pessoa é o

[1] Von Franz, M.-L., *C. G. Jung, seu mito em nossa época*, São Paulo: Cultrix,1975, cap. XIV; Jung, E.; Von Franz, M.-L., *A lenda do Graal*, São Paulo: Cultrix, 1991.

problema da *sombra*; do mal que lhe é próprio, de sua *sombra*. Todos temos uma tendência a não olhar para nossa *sombra* ou a empregar eufemismos e desculpá-la com idealismos. Se você olhar a história do cristianismo, quantos milhões de pessoas já morreram por causa desse idealismo? Merlin, por ser filho do diabo, mas tendo como mãe uma mulher cristã e muito piedosa, une em si próprio esses problemas.

Nos nossos dias, o grande problema que pesa sobre nós é uma tendência a cedermos completamente ao mal, a sermos possuídos por ele, incorrendo no risco de nos tornarmos totalmente identificados com esse domínio. Você se lembra do que disse o assassino Manson:[2] "Eu sou Satã". É um quadro doentio, mas é mais uma questão sintomática, por assim dizer e, na nossa opinião, há uma grande unilateralidade, pois num momento tudo se mostra branco e, no outro, tudo se torna negro. Como podemos observar em nossos pacientes e em nós mesmos, se prestamos atenção aos nossos sonhos e tentamos encontrar um equilíbrio interior, verificamos que o inconsciente está sempre procurando unir os opostos em nós e, também, relativizar tais opostos, já que, afinal, o mal pode também se revelar num bem. Devemos aprender a compreender que essa situação é algo sutil, bastante relativa, e que há nisso um problema de intenção etc., e que tudo isso acaba servindo mais para aguçar a nossa consciência. É necessário verificar o que verdadeiramente seja o mal em nós e nos outros, buscando o melhor julgamento dessa questão. Nós ainda somos completamente primitivos.

E Merlin é o símbolo daquilo que une o mal e o bem em si mesmo. Ele necessariamente não praticava o mal, mas apreciava bastante pregar certas peças que interpretamos como sendo truques maliciosos. Esta era sua tragédia: ele via mais além [...] era profeta e enxergava bem mais longe do que todos os seus contemporâneos. Ele, frequentemente, pregava peças nas pessoas e elas sentiam que "isto é um truque diabólico, isto é maldoso" e, somente ao final, descobria-se que ele havia praticado o bem. Jung sempre dizia em conversas privadas: "Merlin, esta é a minha segunda personalidade; num certo sentido, isto sou eu". E é por essa razão que me interesso por Merlin. Vi isso também na vida de Jung. Ele quis participar de certas correntes ideológicas, mas era bastante subestimado, como o foi Merlin.

[2] Charles Milles Manson, criminoso americano, mentor e líder intelectual de vários assassinatos nos EUA.

Por outro lado, Merlin desapareceu da vida nos braços de uma mulher. Esta é uma estória que Jung, frequentemente, citava em conexão com a lenda de Lao Tsé, o grande sábio chinês, que também, ao fim de sua vida, partiu com uma dançarina e desapareceu deste mundo. Essa é uma estória que se diria estar relacionada ao problema da *anima*, do feminino. E este é outro problema do nosso tempo: o arquétipo feminino emerge da superfície; nós não podemos mais ignorar o elemento feminino. Merlin, de certo modo, talvez tenha ido longe demais em direção a um lado, mas ele mostrou o caminho: o único caminho é o desenvolvimento do sentimento e, para um homem, isso se traduz em se ocupar de sua *anima*, o que implica uma diferenciação dos seus sentimentos e também de sua consciência.

CM: Gostaria de retomar um pouco dois pontos que são muito importantes e fundamentais na visão geral que Jung nos propõe, acerca da vida e da morte. O primeiro, me parece, é o fato de que Merlin reconhece em si próprio, já no seu nascedouro, que o mal não se encontra fora dele, mas existe nele, assim como em cada ser vivente. Em consequência, essa zona de *sombra* a que você se referiu há pouco deve ser primeiramente reconhecida como sendo nossa propriedade, de forma a possibilitar que ela seja integrada à nossa personalidade, e não excluída. Caso a

exclusão ocorra, somos expostos a grandes desordens que nos conduzem a profundos tormentos psicológicos.

MLvF: É justamente isso! Há mesmo um texto francês da lenda arturiana em que Merlin aparece a um herói como *sombra*. Merlin incorpora em si próprio as características daquilo que nomeamos como *sombra*, e nós a projetamos sobre ele. O grande perigo, quando se ignora o mal, é que passamos a vê-lo, sobretudo, nos outros (o que chamamos de projeção) – ou que, com a mão esquerda, se façam ações involuntárias e destrutivas. Têm-se boas intenções com a mão direita, mas a mão esquerda desfaz tudo; com pequenos truques o indivíduo acaba enganando a si mesmo.

CM: Gostaria que voltássemos ao problema da projeção, porque ele é de capital importância e, geralmente, mal compreendido.

MLvF: Esta é uma palavra da qual os freudianos também se utilizam. Para eles, a projeção é aquilo que eu vejo nos outros (e, desse modo, do lado de fora); é alguma coisa em mim que reprimi por causa de um conflito neurótico. Já para Jung, *tudo* é normalmente projetado da nossa alma, mesmo quando não tiver havido repressão. Tudo que pertence a nossa psique e que não reconhecemos (ou ainda não reconhecemos) nos aparece como que pertencendo ao lado de fora. Jung diz que só se pode falar em projeção quando é chegado o momento de se recolhê-la. Há alguns sintomas (que surgem) quando as pessoas estão inseguras, quando elas ficam fanáticas, quando exageram, quando têm emoções e afetos exagerados. Esses são os sintomas que nos levam a dizer: "Por que o senhor Fulano de Tal me irrita mais do que o normal? Pode ser que ele não seja simpático, mas não preciso perturbar-me desse modo". Se fico agitado demais sem que ele nada me tenha feito, não há razão alguma para estar tão furioso, então, isso

é uma projeção, então aquilo que me irrita nele está em mim, é alguma coisa de mim mesmo que vejo nele. E sempre se vê que, se a pessoa reconhece isso, se ela se recolhe numa meditação e vê, com muita vergonha, que aquela é uma qualidade dela mesma, então o senhor Fulano de Tal exterior logo fica normalizado e as relações são harmonizadas.

CM: Isso quer dizer que a desordem do mundo exterior está em nós?

MLvF: Ela está em nós. *Tudo* está em nós. *Nós* somos responsáveis pela guerra, *nós* somos responsáveis por tudo que acontece de mal, não é? [...] A tendência do homem é pensar: "Os outros são os culpados! Eu tenho boas intenções, não faço nada, não faço política, faço meu trabalho, sou um homem corajoso ou uma mulher corajosa..." e há, sei lá, os comunistas ou os capitalistas ou os outros "*istas*" que fazem tudo e que são a causa do mal. E isso é puramente uma projeção. Se nos irritamos demais, isso é uma projeção [...] Quanto a mim, percebo isso de forma bem simples, pela minha voz: minha voz se eleva ou tenho uma voz irritada quando falo de alguma coisa? Então digo para mim mesma: "Atenção, atenção: projeção!".

CM: Como diferenciar, neste mundo que nos rodeia, entre aquilo que é bom para nós, para nossa personalidade, para nossa integridade, em relação ao que devemos evitar?

MLvF: Se você ainda não é neurótico, você tem o que chamamos de instinto: tem um sentimento semi-inconsciente, um sentimento latente, de que tal pessoa não é simpática. É simplesmente isso! Da mesma forma, não comemos coisas das quais não gostamos e, geralmente, nós temos um bom instinto. Se somos neuróticos, ficamos inseguros. Então dizemos:

"Por que estou pensando isso?" etc. As pessoas se forçam a fazer coisas contra seu instinto ou vão contra seu instinto e, então, esse é o momento em que elas devem ser corrigidas pelos sonhos, já que os sonhos exprimem o instinto. De minha parte, se não sei, se não tenho certeza, se me encontro em situação em que digo para mim mesma: "Esta situação é feia, isso não me agrada [...], mas não consigo colocar o dedo em cima", se não sei o que há [...], devo me retirar ou será que minha tarefa é lutar, enfrentar essa situação? [...] então observo meus sonhos e, geralmente, os sonhos dão uma indicação clara: "Retire-se" ou "Você deve ter a coragem de se manter nessa dificuldade". Todas as possibilidades.

CM: Quer dizer que os sonhos nos fornecem, conquanto possamos lê-los, decifrá-los, as indicações sobre os caminhos que devemos seguir?

MLvF: Sim, absolutamente.

CM: E qual é, na perspectiva junguiana, a função do pesadelo? Você me diz que talvez seja absurdo separar o sonho do pesadelo, mas...

MLvF: Um pesadelo é um eletrochoque da natureza. É quando se está em uma situação muito perigosa e não se tem compreensão; então o inconsciente *grita*, por assim dizer, ao seu ouvido: "Acorde, você está em perigo!". Imagine se você tivesse este pesadelo: você está em uma casa que pega fogo e não encontra a saída. Você corre e desperta em desespero. Conscientemente, você não sabe o que se passa. Isso significa justamente o que o sonho quer dizer: "Você está em uma casa que está pegando fogo e não se dá conta disso". Portanto, isso quer dizer que você está em um perigo psíquico (não exterior,

mas psíquico) que não foi percebido. Isso é a natureza dando-lhe um eletrochoque.

CM: E, nesse sentido, Jung ampliou consideravelmente a perspectiva para uma compreensão do pesadelo ou do sonho, uma vez que ele extrapola em muito o ponto de vista sexual para abordar toda a totalidade existencial. Enfim, para Jung, o sexo não tem o lugar predominante que tem para Freud.

MLvF: Sim. Por exemplo: se quisermos fazer desse instinto a base das reações psíquicas, deixamos de levar em conta que há também impulsos espirituais no inconsciente. Mas, mesmo se você considerar apenas o plano dos instintos, simplesmente a fome e a necessidade de nutrição são, segundo Jung, certamente muito mais primordiais do que a sexualidade. Entre os primitivos, ou seja, o homem natural que vive na natureza, 80% do conteúdo das conversas gira em torno da comida, e não em torno de mulheres. Eles não têm inibição, não são pudicos, mas a comida é o que se revela um problema, e que logo se tornará um problema de novo. Não se falará mais de sexo com a superpopulação que temos!

Ah! Há ainda o instinto de dominação de Adler a salientar. Agora, sabe-se também que o instinto de poder, o impulso da dominação, o poder, é um fato importante. Assim, já temos três. Há ainda, para Jung, o impulso da individuação, de se tornar você mesmo, que é mesmo mais marcante do que todos os outros. O impulso mais forte é a necessidade de se tornar aquilo que se é. Além de tudo, cada planta, cada árvore quer ser ela mesma, para falar poeticamente. A totalidade dos instintos de uma raposa é ser uma raposa e viver a vida de uma raposa; e o homem deve ser homem na sua totalidade. Jung dizia sempre: "Somos muito infelizes, ao passo que os animais não têm problemas: um tigre não come maçãs!". Mas o homem é um pervertido, e sua curiosidade, que herdou

dos seus ancestrais primatas, o faz desviar de seus instintos. A noite corrige isso pelos sonhos. É por isso que damos tanta importância aos sonhos.

CM: Mas em relação à noite, que você evocou, o sonho que abre tão amplamente as portas do inconsciente, abre as portas que, na realidade, são de dois reinos. Há, inicialmente, o reino muito antigo do inconsciente coletivo, enfim todas as lembranças de uma vida pertencente à tribo, da vida antes mesmo que, talvez, o homem fosse homem; e, depois, há o conjunto da vida corrente, desse rio que é o de nossa vida pessoal. Como se podem separar essas duas partes do sonho?

MLvF: Na prática, é um pouco misturado. Raramente você tem sonhos puramente arquetípicos (como Jung os denomina), quer dizer, que vêm do coletivo ou que sejam puramente pessoais; são misturados. Mas a maioria dos sonhos é pessoal e não se pode compreendê-los a não ser que se considerem as associações pessoais e se conheça a história, a biografia do sonhador. Digamos que alguém deteste a cor verde. Não é preciso saber o que os simbolistas pensam do verde, mas é preciso procurar saber se, na sua juventude, alguma coisa lhe aconteceu em que a cor verde desempenhou um papel negativo: ele guardou essa lembrança. Isso é o que se chama associação pessoal que vem do inconsciente pessoal. Se ele sonha com a cor verde em um contexto negativo, isso faz alusão a esse problema que ele uma vez viveu. Mas vê-se, muito frequentemente também, que as pessoas sonham com motivos arquetípicos. Quando lhes perguntamos: "O que você tem a ver com essa figura?", elas se assustam.

Posso lhe dar um exemplo. Analisei um médico mexicano católico. Um colega enviou-o a mim dizendo: "É um homem muito simpático, mas não o compreendo e nós não avançamos na análise". Um homem simpático então veio a mim e não pude estabelecer ligação. Ele me sorria e sempre dizia: "Mm...

mm...", ele me sorria e, a tudo que eu dizia, ele murmurava: "Sim, sim"; e eu perguntava: "Então isso faz sentido para você? Você não demonstra reação, não me dá retorno; você está compreendendo o que eu digo?"; "Sim, senhorita, sim". Em seguida, ele me fitava desse modo, sem me olhar nos olhos. E eu me dizia: "Mas, meu Deus, ou bem é ele que está louco ou sou eu". Ele tinha muitos sonhos pessoais. Como ele já havia sido analisado antes, ele fazia tudo muito bem; trazia-me seus sonhos e os interpretava. Mas eu me sentia muito mal, tinha a sensação de que "nós não nos compreendemos". E eis o sonho que ele teve: *ele vê uma pedra, uma obsidiana, em uma árvore. Uma pedra enorme. E a obsidiana salta da árvore e começa a persegui-lo. Ele corre, corre e a pedra o segue. De repente, ele vê alguns trabalhadores que fazem um buraco quadrado na terra e que lhe dizem: "Venha, depressa, aqui, coloque-se no meio, fique tranquilo". E assim ele o faz. Então a obsidiana torna-se muito pequena e rola aos seus pés muito suavemente.*

Sem querer eu disse: "Meu Deus, [sic], o que você tem a ver com o deus Tezcatlipoca?". Porque, você sabe, a obsidiana é o símbolo desse deus. Ele me olhou inteiramente aturdido, depois disse: "Ah!... não sei", mas logo apareceu a história: ele era três quartos asteca, até mesmo falava o nauatle em sua juventude, mas, como no México ainda há racismo, ele reprimiu completamente esse aspecto. O fato de ser índio era uma questão de foro íntimo, era um problema reprimido que então apareceu nesse momento. Mas de Tezcatlipoca ele nada conhecia, não tinha associações. Foi apenas depois disso que foi pesquisar. Eu sabia mais do que ele. Após encontrar as informações nos livros, ele se tornou americanista.[3] Ficou de tal modo apaixonado pelos deuses de seus ancestrais que escreveu três bons livros sobre o assunto. Mas tudo veio desse sonho puramente arquetípico dessa obsidiana que o as-

[3] Americanista aqui se refere ao estudioso de assuntos relativos à América. No caso aqui, à Mesoamérica.

sombrava. O sonho lhe dizia: "Os deuses de seus ancestrais o perseguem!".

CM: Quer dizer que os sonhos arquetípicos são tão perigosos quanto os individuais; também carregados de risco de cisão?

MLvF: Sim, sim. O inconsciente é algo como a eletricidade de alta voltagem. Deve-se tocá-lo com precaução e, sobretudo, com compreensão.

CM: Você falou sobre o princípio da individuação, e o trajeto desse princípio é restabelecer a comunicação entre o consciente e o inconsciente.

MLvF: Sim.

CM: Efetivamente, se lermos a história de Merlin dessa maneira, perceberemos sem dúvida que Merlin, constantemente, insere na sua vida consciente os elementos que tanto fazem parte de sua vida ancestral como da vida de sua tribo.

MLvF: Sim, absolutamente. E isso é uma característica cultural do homem ocidental. Já analisei coreanos e, agora, este mexicano aqui, e eles não têm essa cisão. Mais ou menos desde os tempos de Descartes, adquirimos esse racionalismo e uma cesura que nos isola do inconsciente. Merlin é o profeta que sempre tenta fazer os outros permeáveis ao instinto, ao inconsciente, às imagens, aos sonhos...

CM: Sim. Então Merlin ilustra muito bem o que Jung vai retomar mais tarde sob o nome de imaginação ativa. Quer dizer que, em uma situação difícil, complicada, Merlin continua a inventar caminhos que lhe permitam contornar as dificuldades e criar,

assim, universos nos quais possa se sentir à vontade e, em consequência, construir constantemente uma situação de inversão.

MLvF: Sim. Num dos textos medievais, ele aparece com duas serpentes ao redor do pescoço, o que mostra, no fundo, a ideia de que, como o caduceu de Hermes, ele une os opostos. É também o caminho da serpente que não vai em linha reta, mas que faz desvios que são a via da natureza. A natureza faz desvios.

CM: A propósito do desenvolvimento da imaginação ativa, que é a chave do desenvolvimento da personalidade, como é que um analista deve lidar com pessoas em sofrimento, para que tal procedimento possa ser colocado em prática?

MLvF: Voltando ao caso do mexicano, eu lhe disse: "Fale com o Tezcatlipoca!" – e Tezcatlipoca apareceu-lhe em meditação e esse deus, então, desempenha o papel de Merlin; ele é o *seu* Merlin. E desde então não tive mais nada a fazer. Esse homem ainda me visita porque está ligado a mim e eu a ele. Nós nos fazemos pequenas visitas mútuas porque temos uma grande simpatia um pelo outro, mas ele não precisa mais de mim como analista, e se ele está com algum problema eu lhe digo: "Pergunte a Tezcatlipoca". Esta é a rota da individuação. Ele se põe na posição de meditação (ele construiu um pequeno templo), e então lhe pergunta: "Tezcatlipoca, diga-me...", e então faz os registros que obtém. Muitas vezes, ele lê para mim o que Tezcatlipoca lhe disse e é inacreditável. Naturalmente, para nós, não é Tezcatlipoca, é o *seu* símbolo do *Self*, aquilo que Jung chama de *Self* que é a personalidade total, superordenatória, ou superposta ao ego. Para nós, o ego é apenas uma pequena parte da personalidade. É como no átomo. O núcleo, o centro do átomo, é o *Self*; o ego seria somente um dos elétrons que giram em torno do centro. Merlin é uma per-

sonificação do símbolo do *Self*. Ele une os opostos, sabe o futuro, encontra uma saída quando a situação está bloqueada; mas trata-se também do inesperado, do irracional e, sobretudo, é o grande *desbloqueador*. Sempre se vê como os cavaleiros da Idade Média, com seus idealismos e seus princípios, se colocavam em situações sem saída, e Merlin, então, aparecia ali na esquina, na hora certa, indicando-lhes o caminho que não havia sido pensado.

CM: Você fala muitas vezes no seu livro e na sua pesquisa (assim como Jung) sobre a busca do Graal. O que é impressionante na busca do Graal, contudo, é a multiplicidade das visões, sonhos e aparições. Que papel você atribui a essa transformação da realidade, a essa mistura de uma realidade aparente com uma irrealidade real? Para você, qual é o sentido, portanto, dessas visões relatadas na época medieval?

MLvF: Esse é o outro mundo; é o que chamamos de inconsciente. E nós podemos nos treinar a vê-lo com novos olhos se observarmos as pequenas sincronicidades, e nos atentarmos para o problema das coincidências. Se, ao invés de passear por uma rua de Paris simplesmente dizendo: "Às 9h30 devo estar em tal e tal lugar!", pensando apenas em ter que comprar rápido a minha passagem de ônibus etc., e, ao invés disso, me colocar num estado de humor um tanto quanto sonhador e dizer a mim mesmo: "O que está por vir ao meu encontro hoje?", e observar, nesse sentido, as coincidências [...] é como se você estivesse realmente numa situação onírica. A mim, já aconteceu coisas que, na realidade, tive que me beliscar para me certificar de que não estava sonhando. Mas, naturalmente, é preciso ter outra atitude consciente, é preciso observar, é preciso estar aberto a todas as possibilidades e, então, veremos que, ainda hoje, a vida está cheia de milagres.

CM: Como o analista pode ajudar o outro a realizar a imaginação ativa?

MLvF: Começamos, quase sempre, somente com os sonhos e, lentamente, os sonhos mostram seu caráter arquetípico e, aí, já estamos na mitologia. Depois de se ter trabalhado por bastante tempo com os sonhos pessoais, a mitologia aparece, como demonstrei no caso do mexicano. Nesse caso, o inconsciente coletivo fez presente seu mito, por assim dizer. Nesse momento, foi seu mito pessoal que surgiu e, com ele, sua criatividade, uma vez que se tornou americanista e agora se encontra verdadeiramente criativo. Ele achou seu lugar na história, no mundo e, agora, sabe o que deve fazer. Nesse sentido, ele foi curado porque a neurose, a pior neurose não são os sintomas, mesmo que sejam muito desagradáveis, mas a pior neurose é ter o sentimento de que minha vida não tem sentido. Hoje em dia, tem muito mais gente que sofre disso do que de sintomas verdadeiramente neuróticos, ou seja, de sintomas compulsivos ou algo assim. Eu tenho muitos analisandos que não apresentam sintomas psiquiátricos ou psicopatológicos, mas que vêm simplesmente porque dizem: "Minha vida não tem mais sentido, está vazia".

No início, começamos sempre pelos sonhos, por precaução, e porque a imaginação ativa é algo intenso. Esta é uma prática um tanto quanto forte, cheia de eletricidade, e numinosa. Portanto, começar com os sonhos é uma forma menos perigosa, pois, com eles, vê-se logo do que é que se trata. Podemos, então, fazer uma reeducação com essas pessoas; pode-se reduzir-lhes o racionalismo, ou mesmo dar-lhes um pouco de razão, se necessário for, já que, naturalmente, não somos antirracionalistas. É somente uma questão de reconciliar o irracional da vida com a vida da razão. A razão tem seu lugar na vida, há momentos em que se deve empregar a razão. Mas há momentos em que se deve deixar viver o

sentimento, a fantasia, a fantasia criativa, sobretudo para se encontrar um sentido. Você se lembra de que, nas *Memórias*, Jung disse: "Eu fiz esse livro sobre a mitologia, mas quando o terminei, disse a mim mesmo: 'Tudo isso está muito bem, mas qual é o *meu* mito, qual é o mito no qual *eu* vivo?'". E, então, ele começou a fazer a imaginação ativa; iniciou um descenso, permitindo que os símbolos do inconsciente emergissem para que, topando com eles, encontrasse seu mito.[4]

CM: Há muita gente que diz: "Claro, eu tenho sonhos", mas, ao mesmo tempo, afirma que não consegue se lembrar deles. Então, essa ausência de memória do que foi vivido no espaço noturno representa um tipo de censura que é imposta a si mesmo para impedir que o sonho penetre a vida real?

MLvF: Sim, sim, em geral, sobretudo, se a pessoa vive uma vida extrovertida demais, muito voltada para o exterior, e faz muita coisa. Eu mesma, se faço muitas coisas, se vejo gente demais o dia todo, se não tenho um momento de tranquilidade, minha tendência é não sonhar. É também um problema energético: a energia está totalmente direcionada para a adaptação externa, mas o inconsciente tem necessidade de certa energia para engendrar um sonho. Então, se gasto toda a minha energia, quando acordo, tenho um sentimento vago: "Tive um sonho, mas não posso mais me lembrar". Ao passo que, sempre quando me retiro e vivo muito tranquilamente e pouco falo, tenho grandes sonhos cheios de cor. Mas, às vezes, eu também os tenho, se eles são necessários, no meio da confusão. Isso depende, mas, em geral, pode-se dizer que essa é a regra.

E, também, isso acontece quando as pessoas não gostam de seus sonhos. Frequentemente tenho analisandos que dizem: "Ah, sempre tenho esses pequenos sonhos pessoais, absurdos. Eu fico com inveja. Lemos nos livros sobre os magníficos sonhos que outras pessoas têm, mas o que tenho são apenas esses pequenos sonhos bobos e absurdos". Mas Jung sempre diz: "Não há sonhos bobos, há somente pessoas tolas que não os compreendem". Sempre digo que devemos ter a humildade de analisar esses pequenos pedaços de sonho absurdos. E se você emprega a energia, se os analisa e se obedece ao que dizem, então, geralmente, os sonhos se tornam mais ricos. É como se o inconsciente dissesse: "Ah, se você quiser me escutar, eu tenho muito a lhe dizer!". Mas, se não o escutamos, ele nada diz. Pouco a pouco, as pessoas têm mais sonhos, mais interessantes, desde que, *verdadeiramente*, tenham a atitude de dar atenção aos seus sonhos.

Tive como analisando um homem que me disse: "Srta. von Franz, quero fazer uma análise porque tenho depressão, *mas* você não poderá trabalhar com os sonhos, pois eu nunca sonho". Eu ri e lhe disse: "Até agora, isso nunca foi um problema". E na primeira conversa, nós somente tocamos nos problemas pessoais. Vi um pouco onde estavam os complexos. A gente nota isso na voz: quando a voz muda, isso nos fala dos complexos, não é? Depois de fazer minhas anotações, ele disse: "O que vamos fazer se não tenho sonhos?". Respondi-lhe: "É a mesma coisa, agora vamos falar de outras coisas, não se preocupe. Sempre se tem um sonho!".

CM: Quando nos lembramos de um sonho, é possível reconstituí-lo com fidelidade, primeiro na sua integridade e, depois, em uma sucessão de imagens, tais como apareceram no sonho?

MLvF: Para o primeiro ponto a resposta é não, absolutamente! Não podemos controlar isso. Nos laboratórios de sonho, quando a pessoa começa com os REM,[5] ela é acordada ime-

[4] Jaffé, A., *Memórias, Sonhos, Reflexões*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

[5] REM: sigla americana para *Rapid Eye Movements*, que em português significa "movimento rápido dos olhos".

diatamente e é convidada a contar o sonho enquanto está ainda inteiramente fresco, por assim dizer. E depois disso deixam-na dormir novamente e, de manhã, lhe perguntam se teve um sonho e a deixam contá-lo. Assim se pode comparar como eles são relatados no momento em que foram sonhados e como são informados depois, em uma situação normal quando se acorda de manhã. As diferenças não são grandes. Às vezes, há episódios esquecidos ou o sonho é encurtado... Tive um colega que receava que (neste tipo de experimento) as cenas desagradáveis do sonho fossem reprimidas e que apenas as boas fossem lembradas. Ele conduziu vários experimentos e isso não se confirmou. Em geral, a reprodução é fiel.

Mas o problema do tempo é de fato real. Foi isso que levou Jung, entre outros, a postular a ideia de que, nas camadas profundas do inconsciente, há uma relatividade do tempo, como no mundo microfísico dos átomos. Os sonhos são, às vezes, como pacotes de imagens, mas, quando vamos contá-los, é necessário transformá-los numa sequência discursiva de cenas. Então, mesmo que eu tenha verdadeiramente sonhado: "Estou em uma catedral e vejo uma imagem; e, depois, eu entro em uma catedral", pela manhã vai ser contado: "Eu entro em uma catedral, (e depois) estou em uma catedral", instintivamente nós colocamos ordem. Mas isso nos chega quase todo dia; o indivíduo diz ao analista: "Ainda tenho um pequeno fragmento, mas não sei onde ele se encaixa, não sei se está no começo, no fim ou no meio... Enfim, vou contá-lo". Então, se vê que não se pode colocá-lo instintivamente numa sequência, a imagem veio no pacote.

CM: E como se pode sonhar, por exemplo, em um milésimo de segundo ou um centésimo de segundo alguma coisa que levamos alguns minutos para relatar? Quer dizer que a imagem é extremamente violenta e rápida, e não pode ser contada a não ser em um tempo muito longo.

MLvF: Sim. É como Poincaré, que viu as soluções das equações fucsianas em um segundo, e isso lhe tomou três quartos de hora em seguida para escrevê-las. Ele estava simplesmente no seu sofá (ele explica em *Science and Method*) e viu assim (*estalando os dedos*), num *flash*, em um momento. Esta é uma função da intuição, que é uma percepção através do inconsciente em que, às vezes, se vê, por assim dizer, as coisas em bloco, em conjunto.

Nas mitologias dos primitivos, por exemplo, se você estuda as línguas primitivas, as palavras têm vinte sentidos, elas não são de modo algum fixas em um sentido. As palavras [...] nas grandes palavras primitivas há todo um cosmo que é designado por essa palavra. Ainda é desse modo na visão do inconsciente, por assim dizer. O inconsciente tem uma visão sintética das situações, pode-se dizer. A essência do símbolo ainda é assim, segundo Jung. O símbolo não tem *um* sentido. Não se pode dizer: "A cor verde é a esperança". Cada símbolo tem um sentido absolutamente complexo que não se pode jamais esgotar; de acordo com Jung, não podemos jamais esgotar [...]. Com a linguagem e com o argumento racional, não podemos jamais esgotar o sentido de um símbolo. Fica sempre um resto, não conhecido, do qual ainda se poderão deduzir algumas coisas.

CM: Quer dizer que a figura simbólica tira seu significado particular de outras figuras simbólicas às quais ela se acha associada?

MLvF: Sim. Então, para não nos perdermos nesse oceano de sentidos diferentes, observamos sempre o contexto, não é? Por exemplo, o leão às vezes tem a ver com o poder, com o sexo; é a realeza, é o sol, é aquilo que devora, é aquilo que aquece. Veja, isso já é uma mistura: a realeza e o sol se misturam. O calor e o sol se misturam, mas o calor e o rei não se misturam. Você vê que há um monte (por assim dizer todo um

campo) de sentidos diferentes. Por conseguinte, se alguém, durante a noite, sonha com um leão, o que escolher? Entre todos os sentidos, qual escolher? Então observamos o contexto. Observamos se o leão é perigoso: nesse caso, a tendência é optarmos pelo lado devorador, do poder. O leão é também símbolo do diabo no cristianismo; e se o leão é positivo, se no sonho é, por exemplo, um guia que conduz, ou algo neste sentido, diremos então que se trata da realeza, algo relativo à qualidade solar, com a iluminação etc.

É por isso que a interpretação dos sonhos não é algo puramente racional, é uma arte, que necessita de uma sensibilidade artística; é necessário um sentimento. Mas é também um problema de linguagem: como se pode dizê-lo ao outro? Se você está lidando com uma pessoa culta, pode fazer alusões poéticas e sutis. Se for uma pessoa ingênua, deve ser preciso. Se for uma pessoa do povo, alguém do povo [...], então eu digo: "O leão, isto que está em você, ele faz AARRH, e pertence a você". Se analiso alguém que não tem educação alguma, eu faço uma encenação do leão para expressar aquilo que desejo dizer.

CM: E é essa riqueza de figuras simbólicas que, em parte, explica a atenção que Jung deu à alquimia. Porque, para alguém que entra pela primeira vez nesse território alquímico, é bem evidente a prodigiosa riqueza das imagens utilizadas pelos escritos dos alquimistas, o que é impressionante.

MLvF: É isso que impressiona; mas poderia dizer que, se você colecionar todos os contos de fada do mundo, terá também uma enorme riqueza de símbolos. E isso é o que também se mostra especial com a alquimia – e creio que é por isso que a alquimia é o mito dos tempos futuros, é o mito profético da era de Aquário: a alquimia é a linguagem... da matéria. É a linguagem de um território onde a psique e a matéria se tocam,

e é por isso que é, *especialmente*, uma linguagem criadora. E você vê agora que, em toda a física moderna, investigam-se problemas que os físicos americanos dizem existir na relação entre a *matéria e a mente*, entre, digamos, a matéria e a psique. Agora, por exemplo, apareceu na América um livro excelente, *O Tao da física*, de Fritjof Capra, que tenta provar que a física moderna se aproxima das ideias hindus e que, no fundo, o cosmo é uma enorme estrutura viva que é tanto mental quanto material. Capra nada sabia sobre a alquimia e é por isso que ele procurou o Oriente. Ele buscava um mito da matéria, então ele foi ao hinduísmo. Mas, se não quisermos ir tão longe, nós temos um mito da matéria que é, precisamente, a alquimia. E aí você tem de tudo, tem aquilo que abordamos no começo. A alquimia se ocupa do problema do mal. A alquimia é, essencialmente, feminina e se ocupa do problema da matéria e do princípio feminino. Portanto, as duas coisas que faltaram até o presente no cristianismo se encontram de forma compensatória na alquimia. É por isso que, na alquimia, temos uma linguagem para encontrar soluções para esses dois grandes problemas que ainda não resolvemos.

CM: Porque o projeto alquímico consiste, em essência, em fazer surgir da matéria o espírito que ali se encontra escondido.

MLvF: Sim. Para eles, a matéria não é morta, não é uma matéria inanimada: eles têm inclusive a ideia da *anima mundi*, a ideia de que a matéria tem uma psique. E agora, o biólogo Rensch, por exemplo, diz que a psique, provavelmente, não começou a existir num dado momento da evolução; digamos, com os vertebrados ou algo assim. Ele diz que a psique deve ter sempre existido e, para não empregar o nome *psique*, falou de *protopsique*. Ele propõe que já deve haver uma protopsique no átomo. Você vê que aí também há uma tentativa de retornar às ideias da alquimia, de reunir aquilo que

o cartesianismo de tal forma separou: sujeito e objeto, *ratio* e matéria morta.

CM: Sim, bom, aí nós nos encontramos no plano da energia criativa, quer dizer, em um universo que é, essencialmente, definido pela sua capacidade de metamorfose. E é precisamente o homem que aqui está para manifestar essa possibilidade de transformação do mundo. E, num certo sentido, justamente por ser a criatura, torna-se mesmo maior do que seu próprio criador, esse criador inominado que vive num domínio do lado de lá.

MLvF: É por isso que o alquimista sempre diz: "Aquilo que a natureza deixou imperfeito, a arte da alquimia completa", portanto, ele continua a obra de Deus, ela a coloca naquele mundo do lado de lá.

CM: Então, no diálogo entre Jung e a alquimia, há um ponto que me parece muito interessante. É que os alquimistas sempre defenderam que no conhecimento, que é o fundamento de suas pesquisas, permanece, ainda secreto, um conhecimento, considerando que uma grande quantidade de mentes era bastante obscura para acomodar o que eles tinham a dizer. E essa vocação esotérica da alquimia deixou-a à margem e a protegeu, em certo sentido, das incursões que pudessem tirá-la do caminho, mas ao mesmo tempo impediu-a de fecundar como poderia ter acontecido...

MLvF: As ciências...

CM: Com todas as civilizações em que vivemos. Nesse caso, como Jung via o problema aberto pela alquimia?

MLvF: Para Jung, isto era um problema de coragem, porque ele sabia que se publicasse livros sobre a alquimia, diriam que

ele era esotérico, que era ocultista. Já se comentava que ele era confuso, que era místico [...] então, ainda por cima, falar de alquimia... Além disso, ele me dizia: "Eu sabia que estaria acabado no mundo científico", e: "Mas é a verdade, então eu lhes respondo: 'Tanto faz!'". As gerações que virão mais tarde não serão tão limitadas e verão que isso não é de todo irracional, que se pode compreender a alquimia, que não é totalmente oculta ou obscura, mas que necessita ainda de certo desenvolvimento, sobretudo das ciências naturais, para se juntar a nós.

CM: Mas ele não teria visto na alquimia a imagem daquilo que nos é proposto? Diferentemente de um grande número de teólogos ou filósofos que fugiram da matéria e se refugiaram nas abstrações, os alquimistas procuraram a natureza. Eles olharam a natureza e procuraram na sua essência material o segredo da existência. Eles voltaram a ela e confrontaram-na como nós também deveríamos olhar para nós próprios, voltando-nos para nossa zona sombria para iluminá-la.

MLvF: Sim, absolutamente, e você vê agora essa tendência geral que se pode verificar pelo modo como se trata o corpo atualmente. Tudo isso interessa ao corpo e à psicologia. Há escolas de psicologia na América onde tudo o que se faz é tocar os pacientes: eles são abraçados, empurrados, acolhidos com tapinhas nas costas etc. São tratados fisicamente [...] A moda agora é: *treinamento sensorial* e todos esses processos. Lá existe uma ideia de que nossa psique está ligada à matéria e eles procuram a psique no corpo, mas não sabem (e é por isso que empregam meios tão primitivos e, para nós, bárbaros) que os alquimistas, através de uma meditação interior, sempre entraram em contato com a matéria e, também, com seus corpos. Por exemplo, se você pensar em Paracelso, sua alquimia é centrada no firmamento interior que é, por assim

dizer, a visão interior ou a visão psíquica do corpo material. Poderíamos dizer que o corpo material tem um aspecto psíquico e isso o Oriente sempre viu: ioga é entrar em contato com seu corpo graças à introspecção. Isso é a alquimia. A alquimia é a mesma coisa que a ioga taoísta – sobretudo a ioga taoísta chinesa, que é a mais próxima, que é pura alquimia. Aí nós compreendemos o que ela é. Só que, como somos mais extrovertidos, apesar de vermos a importância do corpo e do que está dentro dele, tratamos o corpo como um outro, como se com ele lutássemos, ao invés de nos isolarmos, de meditarmos e de falarmos com o corpo. É só assim então que aprenderíamos o que é a alquimia. A alquimia é uma via introvertida, consiste em contatar a matéria, não a partir dos meios extrovertidos, ao exterior, não a medindo, mas contatando-a com o interior de si próprio.

CM: Você evocou essa admirável imagem de Paracelso, que fala do céu interior. Tudo se passa, pois, como se nossa psique estivesse bloqueada por elementos subjetivos que a impedem de penetrar o mundo que ela própria carrega. Da mesma forma que não conseguimos nos desvencilhar do barro que nos macula, e que estamos fadados a carregar todos os dias.

MLvF: Sim, sim, justamente. É por isso que é tão importante trabalhar também com a *sombra*. É somente depois que você tiver passado por essa porta desagradável, através da qual se observa a *sombra,* que você pode penetrar o céu interior, quer dizer, as camadas da psique que funcionam no estado puro e que não são aviltadas ou neurotizadas pela *sombra* que se reprimiu. Nesse caso, Freud tinha absoluta razão: há uma camada de repressão em muitas pessoas, fatos reprimidos, desagradáveis etc. que impedem a psique de se manifestar. Há repressões mesmo para as pequenas preocupações diárias. Se você se perguntar: "Por que isso me incomoda tanto

assim?", geralmente você já vê que existem coisas lá atrás. A pessoa se preocupa com coisas que não são absolutamente importantes e há problemas que geralmente são muito exagerados. Os outros dizem: "Vamos, não se importe, seja um pouco filósofo!", mas não se consegue, o afeto está fixado no complexo. Os complexos são os pequenos diabos que nos atormentam durante a vida. Acreditamos que estão no exterior, mas na realidade é o complexo. De minha parte começo por aí e digo: "Não, isso não está em ordem". Depois eu me pergunto: "O que há por detrás, por que isso me perturba de tal modo?". Assim você penetra como que por camadas, entra cada vez mais fundo e, quando tiver passado por essas camadas de pequenos problemas, disputas, conflitos maritais etc., problemas com as crianças, problemas com impostos, você alcança lentamente o que está lá atrás, mais profundo. É por isso que jamais rejeitarei essa camada suja. Entre os alquimistas, alguns dizem que se deve eliminá-la, mas muitos afirmam: "Não. É nessa camada que se deve agarrar, é nela que se encontra a cura". Estes pertencem à raça de alquimistas que privilegiam o cozimento e dizem que "é preciso pegar o homem lá onde ele se encontra". Se ele tiver problemas com impostos, esse é o seu problema, é aí que o encontraremos, mas logo se vê que isso é um subterfúgio e que, no cerne, o problema é muito mais profundo, é tal e tal, e tal e tal. Assim se desce lentamente em direção às camadas mais profundas.

CM: Creio que você foi levada, ultimamente, a estudar o problema da bruxaria e o problema dos exorcismos. O mal revelado nas práticas de bruxaria pertence à zona de *sombra* de que você fala?

MLvF: Sim, mas era também, sobretudo, porque a *sombra* era projetada, considerando-se a repressão que havia em relação ao princípio feminino. Tudo que se reprime se torna daninho.

Pensem nos teólogos que não eram casados, que reprimiram a imagem da mulher neles, a feminilidade. Como esses homens reprimiam a *anima*, o feminino neles próprios, naturalmente eles projetaram essa feminilidade (que foi reprimida e, consequentemente, não estava em bom estado) sobre as mulheres externas. Então, se uma mulher se comportava de um modo um pouco diferente das outras, socialmente falando, projetava-se sobre ela. Quando se leem histórias em que se queimavam as bruxas, vê-se que eram, geralmente, mulheres um pouco patológicas ou difíceis, mas, por outro lado, poderiam também ser grandes personalidades e superiores, mulheres extremamente inteligentes ou algo assim. Então, os inquisidores tinham medo e, quando lemos sobre o assunto, vemos que era seu próprio problema de *anima* que eles projetavam. E, naturalmente, o povo sempre ama as perseguições dos pobres.

CM: Os sacrifícios...

MLvF: Os sacrifícios, é isso.

CM: Gostaria que voltássemos ao nosso Merlin, que é um personagem tão atraente. Você disse, ainda agora, que ele encontrou sua realização definitiva na sua ligação com Niniane, ou Viviane, porque ele vai encarnar no feminino, quer dizer que sua *anima* vai, enfim, encontrar sua forma. Como ele tomou consciência dessa *anima*?

MLvF: Tem-se um número infinito de poetas que falaram da mulher interior e, para eles, isto era uma visão interna, por assim dizer. Pensem neste poema de Baudelaire, "A uma passante", no livro *As flores do mal*. Ele vê uma mulher de luto que passa e ele diz: "um relâmpago [...] depois a noite!," ele é então tomado por uma emoção enorme; ela foge e ele diz: "Ó tu que

eu teria amado, ó tu que bem o sabias!". Esse é um encontro com a *anima*; é uma magnífica descrição.

Uma vez Jung contou como ele tomou consciência da *anima* pela primeira vez. Um dia, sua amiga, Srta. Wolf, mentiu-lhe e ele ficou de tal modo furioso que teve vontade de terminar a relação. Ele voltou para casa e, de repente, se perguntou: "Mas, meu Deus, por que estava tão certo de que ela não me mentiria? Por que tenho essa exigência de que ela nunca mentirá? Ela é outra pessoa que tem o direito de fazer o que quiser. Por que tenho essa exigência imperiosa de que ela jamais minta?". E, nesse momento, tomou conhecimento de que era o seu próprio sentimento, que *ele* não suportava a mentira no amor e que isso era algo nele. E isso lhe permitiu reconhecer que ele tinha, em si próprio, a imagem de uma mulher que nunca mente no amor e que ele a impunha à sua amiga. E ele tiranizava sua amiga, pedindo-lhe que desempenhasse esse papel. É isso que os homens ainda fazem até hoje. A maior parte dos homens não sabe, mas eles tentam forçar sua amiga ou sua mulher a se comportar de acordo com a imagem que têm delas, que é, por assim dizer, o símbolo de seu estilo amoroso.

CM: Essa face do amor, do qual a *anima* é o reflexo, o espelho, é, evidentemente, difícil de se colocar a nu.

MLvF: Sim, é muito difícil, porque é muito evanescente.

CM: É por isso que há tantos amores mal resolvidos?

MLvF: Exatamente. É muito evanescente porque há vários aspectos; o sentimento se modifica e também se altera no decorrer da vida. Se você pensar na Beatriz de Dante, esta é uma realização da *anima*, ou a Laura de Petrarca. Há homens que conheceram sua *anima*. Bom, ela ainda está projetada em

uma mulher exterior, mas, pelo menos nos poemas, observa-se que eles sabem que é algo interior neles mesmos, e compreenderam mais ou menos. Jung colocou os pingos nos "is". Ele verdadeiramente percebeu: é um fator feminino no homem que representa sua própria feminilidade e que ele projeta sobre as mulheres. Se um homem assimila a *anima* então, com o tempo, sobretudo na segunda metade da vida, ela se torna uma função de relação com o inconsciente, ela desaparece. Torna-se uma parte dele mesmo, como disse, seu estilo de amor. Não persiste como uma personificação. A *anima* não aparece mais. É então, geralmente, o *Self*, como velho sábio, que o guiará. A *anima* não aparece mais com frequência nos sonhos de um homem que a assimilou. Mas, pode-se vê-la no seu ser: há certa feminilidade, certo estilo de amor.

CM: Muitas desordens psíquicas vêm do fato de que grande número de pessoas recusa essa parte de feminilidade.

MLvF: Existem muitos homens que reprimem a *anima* e, então, se tornam efeminados. O que é engraçado é que, se eles reprimem o feminino, tornam-se efeminados. Se eu tiver que tratar um homem que é efeminado demais, devo sempre lhe dizer: "Então, você deve se ocupar *mais* do feminino – não *menos*". É, por exemplo, um erro que se comete várias vezes quando se crê que um homem efeminado deva ir para o serviço militar, e que lá vá se tornar um homem por reprimir sua feminilidade. Isso não deve ser feito. Ele deve cultivar sua feminilidade conscientemente, e aí ele se tornará mais viril. Porque se ele reprime a *anima*, *ela* o ataca e o torna feminino. Ou, quando a *anima* negativa é reprimida, essa se traduz, por exemplo, em mau humor ou o torna fofoqueiro. A *anima* reprimida é uma mulher inferior. Com muitos homens é muito divertido, porque você logo vê quando eles estão na *anima*. Eles têm uma voz bem mais alta. Às vezes, isto me diverte:

de repente meus pacientes falam, eles ficam emotivos e de repente: "Hiii" (*imitação da voz alta, aguda*), eles têm uma voz inteiramente alta, não é? Então eu lhes digo: "Escute, escute, você está na *anima*. Não está escutando sua voz?". Às vezes, deveríamos ter um gravador (risos) e fazê-los escutar. Pode-se verdadeiramente escutar na voz quando a *anima* fala. Mas, naturalmente, isso é negativo, porque é inconsciente. Ao passo que, quando a *anima* é consciente, então é algo mais; deste modo, isso quer dizer que o homem se tornou mais artístico, mais sensível, mais cultivado no seu amor. Naturalmente, também há muito mais chances de ter relações felizes do que infelizes com a mulher.

CM: Encontraremos também as mesmas desordens em uma mulher que recusa seu *animus*?

MLvF: Sim, o *animus*, que é a masculinidade. É por isso que Jung era tão feminista num tempo em que isso não era ainda moda. Ele sempre disse que as mulheres deveriam estudar e que era preciso lhes abrir as portas do espírito, que não é trancando-se a mulher na cozinha que ela se torna feminina. Ao contrário, vê-se, muitas vezes, mulheres casadas que têm filhos e cozinham mostrando *animi* inacreditáveis. A mulher deve trabalhar sobre seu próprio espírito masculino.

CM: Você poderia me dar exemplos particularmente significativos dessa incapacidade de uma mulher assumir sua parte masculina?

MLvF: Sim [...] eu me lembro do caso de uma mulher que era muito inteligente, mas não pôde terminar seus estudos e tinha um complexo de inferioridade. Estava sempre nervosa e falhava em todos os exames. A investigação pessoal mostrou que o pai sempre lhe dizia: "Ah, você não é capaz; uma mulher

não é capaz, você é uma boba". Ela quis aprender grego quando era jovem e ele lhe disse: "Não, não escolha o grego na escola, você nunca será capaz, você nunca vai conseguir". O pai já estava morto havia muito tempo, mas ela mesma tinha este disco arranhado que lhe dizia dia e noite, com a voz do pai, cada vez que ela tentava fazer alguma coisa [...]: "Você não é capaz". Isso se tornou um *animus* negativo nela própria. Não era mais o pai exterior, que estava morto, mas era uma voz negativa, uma opinião. É por isso que Jung diz: "O *animus* se mostra nessas opiniões congeladas". Ela tinha a ideia fixa de que não era capaz de aprender o que quer que fosse.

CM: A psicologia de Freud, aliás, como a de Jung e a de todos os seus companheiros, foi fortemente fascinada pela mitologia. Foi no interior dos mitos que, finalmente, a psicanálise encontrou seus primeiros fundamentos. Será interessante ver, de acordo com Jung, como essas figuras míticas se encarnaram, quais forças elas pegaram e como elas foram vividas. Porque a mitologia é um mundo complexo e nós somos os herdeiros de uma mitologia que é, de uma só vez, a mitologia do Mediterrâneo antigo e a do mundo judaico cristão; e ainda tudo que foi adquirido das mitologias vindas do Oriente ou da América; e, enfim, dos povos arcaicos. Então, como essa síntese mitológica é alcançada?

MLvF: Sim, isso é um dos nossos problemas: nós não somos mais como uma tribo indígena que tem seu mito e seu mundo e, mais ainda, seu cosmo. Assim, se você pensar neste magnífico livro de Marcel Griaule, *Dieu d'eau*, onde verá que os dogons ainda viviam (isso será destruído agora também) em um cosmo completo, onde tudo tem um sentido, até mesmo a colher que eu uso, não há diferença entre religioso e profano. Tudo, tudo tem um sentido mitológico, religioso. Isso é o estado ideal. Mas, entre nós, temos todas as superposições de culturas e as transposições de culturas que fizemos.

Como você disse, temos o mundo celta, temos o mediterrâneo, o judaico-cristão. Em certo sentido, isso nos enriquece, mas, por outro, há o perigo da desorientação. Não vivemos mais em um cosmo mítico que nos dá um sentido. É por isso que Jung disse: "Então qual é o meu mito?". Parece-me que, se não estivermos mais contidos dentro de um mito coletivo, qualquer que seja ele, se não estivermos mais dentro dessa ordem (e muitos homens modernos não estão mais dentro de tal ordem), aí é chegado o momento de encontrar seu próprio mito. Então devemos descer aos infernos, devemos descer em nós mesmos e encontrar qual é a imagem que nos guia. Os hindus diriam: "Você deve encontrar seu guru interior (que, para Jung, foi Merlin) e encontrar seu mito". E isso é o que fazemos na análise, uma vez que não se trata apenas da cura de sintomas. Nas grandes análises, trata-se sempre de encontrar o mito dessa pessoa e, também, o sentido, a criatividade ou o lugar em que se possa ser criativo na sociedade. O grande problema é que um mito é algo que nunca é somente pessoal, é coletivo, devemos dividi-lo com os outros. É por isso que temos hoje muitos grupos com simbolismos diferentes. Mas há ainda um problema que se coloca com todas essas superposições de mitos.

CM: Sim, porque, nas sociedades antigas, a comunidade vivia sob certo número de caracteres comuns, de crenças comuns que davam à tribo, à comunidade, a sua coerência...

MLvF: Uma forma coerente.

CM: E, de algum modo, a comunidade nutria o espírito de cada um. Agora, todos os deuses decaíram, nós nos encontramos em um mundo em deslocamento, em que o espírito é deixado à sua própria solidão. Em consequência, somos lançados a uma

gigantesca aventura da consciência e é essa consciência pessoal que deve criar e inventar aquilo que anteriormente era encarnado pelo mito. Esse é o projeto de Jung.

MLvF: Eu não diria criar. Não podemos criar um mito conscientemente. Mas você pode inventá-lo, se você tomar *inventar* no sentido profundo da palavra *encontrar*. Nós podemos encontrá-lo ao descer em nós mesmos. Ele está em nós e podemos pescá-lo na profundeza. Ou, se colocarmos a pergunta, se dissermos: "Qual é o meu mito?", então através dos sonhos vêm as indicações. É por isso que Jung foi sempre, e de novo, acusado de querer fundar outra religião, ou uma seita, ou algo assim. Mas, na realidade prática, o que o analisando encontra é de tal modo diferente em cada caso, e os mitos pessoais que ele descobre são tão diferentes que nunca se poderia formar uma seita. É a resposta da profundeza, pessoal, à pessoa. E é por isso que, se alguém encontrou seu mito, ele não vai impô-lo aos outros. Ele não irá às ruas dizer: "Agora tenho uma nova religião, um novo mito e vocês devem crer nela", mas dirá: "Esta é a minha verdade". Eu, por exemplo, quando tinha dezenove anos, tive *meu grande sonho* que eu diria iniciático. Nunca tive um sonho tão grande e esse sonho é meu mito. Se me perguntassem: "Qual é seu mito?", eu diria: "É o que me foi dito naquele sonho". Nele havia muita alquimia.

CM: Você pode nos contar?

MLvF: Não vou impor isso a vocês. Não é a verdade para os outros, mas é a *minha* verdade, é minha obrigação, é aquilo que eu sei que devo viver. (Hesitação.) Sim, se vocês quiserem. Isso começa de uma maneira um pouco pessoal, se bem que devo dar as associações. Eu não estava muito satisfeita com meus estudos, estava um pouco decepcionada porque, desde o começo, estudei línguas clássicas com uma inclinação

secreta: no fundo procurava uma nova religião. E [...] não estava verdadeiramente consciente disso, mas estava decepcionada com a filologia clássica porque essa não era uma nova religião. Era simplesmente sobre gramática, era seca etc. Em relação ao que eu procurava de espiritual, a universidade me decepcionou. Era ingênuo de minha parte desejá-lo. Então, comecei a me interessar pelo simbolismo na arte e comecei a pintar por mim mesma, mas meu talento era pequeno: isso não foi suficiente para que eu sentisse que *verdadeiramente* fazia alguma coisa. Comecei a ver que era desse jeito e fiquei muito deprimida.

E então sonhei que ia para a universidade e que, diante da universidade, acendia um fogo como os camponeses na Escandinávia o fazem no meio do verão para cultuar o sol. E eu saltei sobre o fogo, não sei por que fazia isso no sonho. Num dado momento, eu passava perto da água e um peixe me capturou e me engoliu. Ele me engoliu até o peito e somente minha cabeça ainda estava de fora, mas pude sair e voltar para a terra. E então, quando pude ver, havia um pintor que estava lá, diante de uma pintura quase pronta, terrivelmente deprimido. Eu lhe disse: "O que você faz? O que tem?", e ele disse: "Não posso mais pintar". Você vê que aí é o *animus*: estava lá, estava em mim, a atividade de pintar. Mas eu procurava algo diferente; no fundo, algo de espiritual: a procura espiritual pegou o problema da pintura. Então eu lhe disse: "Você quer que eu encontre para você o porquê de você não conseguir pintar?". Ele respondeu: "Sim, eu lhe serei muito grato, eu mesmo não posso encontrá-lo". E então a pintura se transformou em uma paisagem real e eu entrei nela e caminhei nessa paisagem que era agora em três dimensões. De repente, cheguei às cavernas e isso se tornou sombrio. Lá eu vi uma enorme mesa redonda de pedra e sobre essa mesa estava um menininho, mas tinha aproximadamente cinco metros de altura e de largura. Era enorme, embora com as formas de

um bebê bem pequeno. Uma mulher o amarrava e eu disse: "Mas você não deve amarrá-lo" e ela retornou: "Silêncio, é o novo deus. Eu tenho medo". E a cena mudou. Continuei e desci mais para o fundo e ainda via as cavernas, e isso se tornava sempre mais sombrio. De repente, olhei para uma caverna e vi um homem bem peludo, como um homem neolítico com uma maça. Ao lado dele, uma mulher com um bebê. Eles estavam lá, assim, na obscuridade, e uma voz dizia: "São Adão e Eva, os ancestrais da humanidade". E então ouvi os gritos e os prantos de desespero nas outras cavernas (era, na verdade, um pouco dantesco), e eu sabia que havia milhões de pessoas que estavam amarradas e que estavam na obscuridade e desesperadas. Você vê que ainda é um motivo alquímico porque lá há aqueles que dormem no subterrâneo e que procuram a redenção. Eu estava completamente desorientada, então eu disse para mim mesma: "Irei sempre para a esquerda; simplesmente irei constantemente sempre mais para a esquerda e mais para o fundo". Fui para a esquerda, que é o lado do inconsciente, para o fundo, até que eu soube que entrara numa sala que era o centro da terra. Eu sabia que havia lá algo de absolutamente terrível e que ninguém poderia sobreviver a essa visão, mas que eu devia passar por lá e seria um terror horrível. Eu sabia que lá dentro não havia nada que matasse; você só seria morto pelo medo. Então, olhei sem ver o que havia lá. Olhei só um pouco para dentro da sala e vi que, do outro lado, havia uma porta e que lá havia uma barra de ferro na altura da cabeça e que as pessoas, quando viam essa coisa, tinham tal medo que corriam e, batendo a cabeça, elas mesmas se matavam, tomadas de pânico. Então, em vez de entrar, eu disse a mim mesma: "Qual é a distância?", e respondi: "São quatro passos", então eu falei: "Quatro passos e depois você se inclina, quatro passos e depois você se inclina", mecanicamente, até que tive o sentimento de que o tinha assimilado, de que o faria automaticamente. Depois, entrei e olhei, e era Deus!

E eu vi Deus! E entrei em pânico e corri, mas fiquei inclinada. Quando saí do outro lado, havia gigantes que carregavam os cadáveres das pessoas que haviam perecido. E ele disse: "Ah, você bem que escapou!". Eu respondi: "Sim, mas você não iria me poupar se eu não estivesse inclinada." E então, continuei, sempre caminhando, e cheguei a uma sala. E lá eu vi uma pintura de um pintor com a paleta na mão e, embaixo, havia um poema: "Morte e destruição ao pintor porque ele não venerou o menino vermelho que sai do fogo", motivo alquímico. Então eu pensei: "Agora eu sei por que esse homem não pode mais pintar, agora minha missão terminou, e agora devo sair daqui". Então, continuei e eu sabia que agora eu iria sair do outro lado da terra. Eu dei o próximo passo [*sic*] e cheguei a uma sala enorme, onde havia uma multidão de homens: eu sabia que eram todos os soldados mortos e todos os marinheiros mortos de todos os tempos. Eu estava no reino dos mortos, e eles comiam e havia um grande jantar, e eles bebiam. Estavam sentados a mesas compridas, e bebiam e comiam, e eu sabia que era o motivo dos Lotófagos na *Odisseia*. Eu sabia que, se eu bebesse ou mesmo se falasse com eles, eu não sairia mais dali. E eu disse a mim mesma: "Agora eu vou muito suavemente lá, para que eles não me vejam e eu saio novamente do outro lado e continuo". Eu experimentei, atravessei a sala, ninguém me percebeu e, no momento em que eu já tocava a porta, um deles se voltou e disse: "Ah, aí, você!", e ele levantou seu copo de vinho e disse: "Você! Você não poderá mais voltar à vida se não encontrar a água que foi feita da Virgem e que é a água sagrada", ainda sobre a alquimia. E eu não fiz mais do que dar um salto e saí. Eu estava do outro lado, na superfície da terra, tinha atravessado toda a terra e estava fatigada. No pequeno bistrô onde me encontrava, olhei no espelho e vi que eu estava pálida e que o terror se estampava em meu semblante, e que estava absolutamente extenuada. En-

tão eu me disse: "Agora o que é preciso fazer?". Eu falei a mim mesma: "Primeiro vou tomar um banho para me esquentar", pois estava com frio. Vi que, defronte, do outro lado da rua, havia um salão de cabeleireiro, banho e massagem, e pensei: "Bom, vou lá e vou tomar um banho". Eu entrei [...] e era uma farmácia! Entrei, havia um homenzinho muito desagradável que me disse: "Sim, venha sozinha, senhorita". Ele queria me conduzir para a parte de trás. E eu lhe disse: "Não, não – isso não é confortável –, não vou entrar aí". Eu estava muito infeliz porque eu sabia que devia fazer alguma coisa por mim e isso não funcionava, se bem que eu desmaiei no sonho. Depois de certo tempo, voltei à consciência e, no momento em que abri os olhos, vi sobre uma prateleira da farmácia um pequeno vidro com um líquido claro, e eu sabia que era aquela água que deveria procurar. Virei-me e havia um farmacêutico com uma camisa branca a quem eu disse: "Quero isto, eu lhe dou todo o dinheiro que tenho". Tirei minha bolsa e tinha mil francos (de repente eu tinha mil francos) e disse: "Eu lhe dou os mil francos, eu lhe dou tudo que tenho por isto". E ele disse: "Isto? É água ordinária, isto não é nada, você pode levá-la de graça!", então tive medo de que ele mudasse de opinião e lhe joguei os mil francos, e pulei fora da farmácia com meu tesouro. E o sol nascia nesse momento. Nesse preciso segundo, ele nascia e estava no zênite; é ainda um motivo alquímico, ele estava no zênite. E havia ao meu lado um homem que eu amava e que era, no sonho, meu marido e, subitamente, compreendi: "Mas foi ele quem matou aquela Virgem, da qual se fez a água". Eu o olhei horrorizada. Ele disse: "Sim, mas ela ressuscitou". Então fomos embora descendo juntos, de braços dados, e continuamos descendo até uma pequena cidade italiana ou francesa – ao sul – em direção ao mar. Quando chegamos ao mar, havia grandes vagas e, de repente, quatro cavalos saíram das vagas com uma carruagem e, sobre essa quadriga, havia

alguma coisa na espuma. Eu pensei: "É o falo, do qual Afrodite, a deusa do amor, nasceu", o falo de seu pai. Nesse momento acordei.[6]

Esse é o meu sonho e, como veem, é todo alquimia. Quando comecei a traduzir textos para Jung, ele me deu um tratado em latim e, na primeira noite, não quis começar do início. Disse para mim mesma que era preciso me familiarizar com o texto. Abri em qualquer página do livro, pois os textos alquímicos são muito confusos e curiosos. Eu era jovem e racional, tinha acabado de sair do ginásio e tinha todos os preconceitos que se tem contra a alquimia. Abri, pois, o livro em uma página qualquer, simplesmente assim, me dizendo: "Essa noite não trabalharei, vou apenas ler para me familiarizar com o estilo da alquimia". Abri em uma página onde se dizia: "Nosso filho que sai do fogo é o rei que precisamos venerar. Ele é feito da água da Virgem. Pode-se encontrá-la nas farmácias, mas as pessoas deste mundo a desprezam". E você sabe o que me veio? Eu pensei: "Você é louca". Tive um choque medonho, pensei que estava alucinando. Então, eu disse: "Meu Deus! Você ficou louca; está alucinando!". Então fui ao banheiro, peguei água fria (risos), molhei a cabeça com água fria e voltei para o livro: ele ainda estava lá. Então eu disse: "Vá para a cama, você está louca, vá para a cama, vá, vá para a cama, durma, o melhor é que você durma". Fui para a cama e dormi. De manhã, acordei e me lembrei de tudo. Eu disse a mim mesma: "Pelo menos agora estou completamente sóbria, sei que estou – repeti meu nome, minha idade –, não estou louca, vejo tudo normalmente". Voltei à mesa e olhei o texto. Ainda estava lá! "Devo contar isso para Jung!" (risos). Isso é o que se chama de sincronicidade: o interior e o exterior coincidem [...] simbolicamente. Quando contei a Jung, ele

[6] Esse sonho é igualmente relatado em Von Franz, M.-L., *C.G. Jung: seu mito em nossa época*, São Paulo: Cultrix, 1975, p. 191. A sonhadora aí é apresentada anonimamente: "O sonho de uma jovem estudante moderna".

disse: "Quando a encontrei pela primeira vez, sabia que você tinha algo a ver com a alquimia, mas não sabia que era a esse ponto". É por isso que nós trabalhamos juntos sobre a alquimia; é por causa desse sonho.

CM: A alquimia representa uma herança fabulosa na nossa cultura, uma vez que aí se encontra um conjunto de imagens reunidas de tal maneira que é uma gigantesca celebração do espírito. Ao lado desse tesouro alquímico, há também esse tesouro que nos foi entregue pela cultura. Esse tesouro, que encontra particular testemunho na mitologia e tudo o que surgiu dessa mitologia, é o que se vê na maioria das obras de arte que nos envolvem. Consequentemente, esse desenvolvimento da pessoa, essa construção, essa realização do ser, essa conquista do *Self* são, evidentemente, em grande parte, favorecidos por tudo que aflui da cultura da qual somos herdeiros; e ao mesmo tempo essa cultura se mostra, pois, um pouco entulhada.

MLvF: Sim. Pode-se ter bastante cultura e, então, o passado lhe pesa: pode-se sufocar em um passado cultural. Perdemos o futuro se ficamos parados no passado. Mas, veja, se você encontrar seu próprio mito, é isso que lhe dá um futuro. Para mim, a tarefa era trabalhar sobre a alquimia, e isso nunca me cansou. Sempre fui apaixonada. Ainda hoje, quando toco um texto alquímico, meu coração bate [...], pois é o meu mito. Isso vive. Existem outros aspectos do passado que nada me dizem, mas que dizem alguma coisa aos outros. É preciso encontrar sua linha nesse caos de imagens. Se a pessoa estudar todas as imagens ao mesmo tempo, ela se afoga. Devo me perguntar quais são as imagens que *me* concernem, e isso não pode ser encontrado senão pelo viés de nosso inconsciente. Há imagens que vivem em certas pessoas e outras que não vivem nelas.

CM: Mas a essa conquista do *Self* se opõe aquilo que, dentro do ser humano, tende sem cessar a nos dividir, a nos destruir mesmo. Enfim, aquilo que Freud exprimiu quando falou do instinto de morte, instinto este que, para a maioria dos seres, se manifesta por uma grande sede de autodestruição. Entretanto, o que é significativo na autodestruição é que ela é verdadeiramente misteriosa, é que a pessoa destrói a si mesma sem se dar conta. E onde está o nó dessa autodestruição? Por que tantos seres são sempre tentados pela necessidade de erodir de algum modo seu próprio ser?

MLvF: Há muitas camadas. A neurose já é certa destruição, nela se combate a si mesmo, se constroem armadilhas para as quais se caminha com os próprios pés. As causas da neurose são, muitas vezes, pessoais: histórias da infância também são frequentes, como Freud, muito justificadamente, viu, mas também experiências traumatizantes, e influências negativas. Então a pessoa se torna neurótica e causa dano a si mesma. A neurose, contudo, penetra sua própria luz e, então, isso é curável. Pode-se instilar luz e razão lá dentro e, portanto, pode-se ajudar a pessoa a sair desse estado.

Há casos mais graves, os casos patológicos, que agora (ao menos nós junguianos) pensamos poder também tratar com a psicoterapia, e não somente com a química. Mas, se você quiser curar uma esquizofrenia, deve contar com dez anos de trabalho verdadeiramente duro. Aí se batalha com demônios verdadeiramente destrutivos [...] É um combate corpo a corpo: como o velho exorcista que lutava contra o diabo. Batalhamos com a patologia desse indivíduo; com ele, juntos travamos a batalha com o diabo. No fundo, essas formas medievais que dramatizam a coisa toda de forma mitológica exprimem muito bem esta dinâmica. Muitas vezes, quando tratei esquizofrenias, sobretudo as paranoides, dizia-me: "É uma batalha com o diabo que vamos travar juntos". Eu dizia isso ao paciente, mas com precaução. Com muito tempo e devoção, pode-se ainda curá-la.

Mas ainda há, mais além, o que não compreendemos, aquilo que a Igreja Católica chama de mistério do mal, *mysterium iniquitatis*. É um mistério divino que nós, os junguianos, não temos a pretensão de entender. É apavorante; é algo de terrível; é raro. Encontra-se a face absolutamente nua do mal absoluto. É algo muito raro de se encontrar, mas se o encontra. E aí (eu lhe digo a verdade), quando o encontro, eu fujo, faço o sinal da cruz e fujo. Isso seria a *húbris*, a inflação em se tentar compreendê-lo. Eu me digo: "Isso é Deus, é uma face de Deus que eu, como ser humano, não compreendo...". Se meu destino é ter que encontrá-lo, naturalmente não fugirei, mas, se puder, eu fujo. É aterrador!

Posso lhe dar um exemplo em que tive esse sentimento. Um colega me disse: "Você imagina que interpreta bem os sonhos". Ele era muito cético e não acreditava na interpretação dos sonhos. Então, ele disse: "Escute, agora eu vou lhe contar o sonho de uma pessoa, mas vou lhe dizer somente que é um homem de quarenta e cinco anos e diga-me o que isso quer dizer. Ele contou o seguinte sonho: *ele estava em um parque de diversões, assentou-se numa gangorra e começou a se balançar cada vez mais alto, e mais alto, e sempre mais longe. Ele estava completamente no espaço, muito alto. Não via mais os seres humanos, nada. Deu mais um impulso ao balanço e, de repente, caiu no vazio*". E eu tive um susto horroroso e disse ao meu colega: "Meu Deus, meu Deus (eu pensei que era um paciente que ele queria aceitar para análise), não aceite esse homem, é um caso patológico, é catastrófico, e o sonho não tem solução. Ele nem mesmo está assustado". Se ele tivesse sonhado: "Eu caio no vazio e acordo com um grito de horror", isso seria normal, estaria em ordem, seria um pesadelo típico, mas ele não teve reação, ele caiu no nada e isso lhe era indiferente. E então o colega disse: "Agora vou lhe dizer quem é: é um assassino a respeito do qual fiz o diagnóstico para a justiça e que já tinha matado oito pessoas, absolutamente a sangue frio,

simplesmente pelo dinheiro". Então, aí se vê um caso em que nada se pode fazer. Eu não trataria tal homem, não aceitaria essa análise, a não ser que eu tivesse tido um sonho. Então eu disse: "Este seria um destino misterioso, se eu tiver que fazer alguma coisa com esse homem". Mas se eu não tiver, por assim dizer, um apelo interior pessoal me incitando a fazê-lo, eu evitarei tal caso porque não há prognóstico, não há esperança de se fazer alguma coisa. Esse foi, por exemplo, um momento em que tive o sentimento: estou olhando a face do mal absoluto, o assassino que matou sua própria alma. Mas nem todo assassino [...], existem muitos assassinos que têm alma e que [...], enfim, que são neuróticos ou patológicos, ou que tiveram uma infância infeliz ou não sei mais o que, e que se pode tratar; mas não aquele.

CM: Você falou muito da função do sonho no desvelamento do ser, mas a linguagem também tem uma função, a palavra tal como nos foi dada.

MLvF: Sim, naturalmente. Sei que agora, na psicanálise francesa, a linguística, Lacan etc., desempenham um papel enorme, mas (risos) vocês riem de mim se sou um pouco ingênua, mas acho que, no fundo, é um pouco trivial. Naturalmente, a língua é a nossa comunicação. Temos um enorme espectro de comunicação e creio que a comunicação verbal, na análise, é apenas uma parte muito pequena. Quando se ri, quando se piscam os olhos, quando se coça, influencia-se muito mais o paciente. Às vezes, um paciente me diz: "Mas você fez uma cara de quem duvida do que eu disse!" e, na verdade, eu tinha pensado: "Será que ele está mentindo? Será que está dizendo a verdade?". Nenhuma palavra foi dita, mas estava na minha cara. Portanto, há uma grande amplitude; nós somos animais sociais, temos um enorme aparelho de comunicação: físico, com os sinais, com a voz (se a voz sobe, se a voz desce etc.)

e também a linguagem. Creio que a linguagem é somente – digamos, sim – uma parte muito importante, mas não é de modo algum tudo na terapia. Frequentemente, com pacientes que progrediram mais na análise, não interpreto mais os sonhos muito verbalmente, eu rio um pouquinho e digo: "Ei, isso!", vimos a mesma coisa ao mesmo tempo, não é preciso verbalizar. A outros, tudo deve ser explicado. Acho que agora se exagera um pouco a importância da linguagem. Jung sempre diz: "A terapia se faz não com o que se diz nem com o que se faz. Faz-se a terapia com o que se é".

CM: Na perspectiva do zen, creio, do exercício interior, o exercício de conquistar o *Self* deve conduzir, se o indivíduo cumpriu bem o conjunto da meditação, à supressão do sonho [...], como se tudo que o sonho nos trouxesse pudesse estar contido na meditação cotidiana. Por outro lado, o zen e outras disciplinas orientais se abrem para aquilo que se chama de grande vazio, isto é, trata-se de libertar completamente o ser humano de tudo o que ele traz consigo para que possa se deixar açambarcar pelo cosmo. Entretanto, creio que, aos olhos de Jung, essas perspectivas orientais que encontram tão grande ressonância hoje não são adaptadas à nossa estrutura mental, ao nosso psiquismo. E, todavia, o Oriente fascinou Jung?

MLvF: Sim. Primeiramente, a propósito dessa insistência dos zen-budistas modernos em dizer que é preciso ignorar os sonhos, que eles pertencem ao mundo das ilusões e dos pensamentos perturbadores, às coisas que não se deve dar atenção, ou mesmo que melhor seria deixá-las de lado por meio de um *koan*. Isso nem sempre foi assim. Descobri que há um grande mestre zen, Han Shan, do século XVI na China, que escreveu uma autobiografia e, no quarto trecho, ele diz: "E então, tive um sonho...", e ele conta os sonhos e diz: "E desse sonho concluí...". E dá uma interpretação. E a respeito do último sonho

ele comenta: "Eu concluí que o sonho era bom e que Buda, ele próprio, disse: 'Quando você estiver no caminho justo, seus sonhos serão bons'". Então, você vê que mesmo no zen (ao menos na China mais antiga) eles trabalhavam com os sonhos – ao menos Han Shan trabalhou com os sonhos, prestou atenção aos seus sonhos e pensou que eles eram um sinal de Buda. Eu creio, portanto, que é um pouco um desenvolvimento moderno do zen no Japão (na China não conheço, mas no Japão) ignorar os sonhos. Encontrei um mestre zen em Hong Kong, quando estive lá, e discuti com ele: foi ele quem me deu essa biografia dizendo: "Não, nós não trabalhamos com os sonhos, eu não o faço mais. Nos nossos exercícios, ignoramos os sonhos. Mas eu lhe confesso que há essa biografia e que, no passado, isso era feito". Essa repressão do sonho é, pois, uma evolução moderna.

E quando você pensa: o oriental que vive no mosteiro, que faz seus exercícios durante vinte ou trinta anos e que vive uma vida inteiramente organizada ao redor dessa meditação, isso não é como entre nós. O historiador Toynbee mostrou muito bem que se se exportam partes de uma cultura ou civilização, e não o todo (e o todo nunca pode ser exportado), então é um vírus destruidor, isso tem um efeito malévolo. Eu analisei um homem, um europeu, que tinha praticado o zen muito seriamente, treinado o zen muito seriamente durante três anos, e obteve inclusive o título correspondente a *roshi*[7] no final de seu treino. Em seguida, ele veio a mim para análise. O resultado foi que ele estava completamente desconectado de seus sentimentos e de sua espontaneidade: ele estava congelado. E isso, pelo que sei, não acontece com os mestres orientais, eles são completamente flexíveis, e um mestre iluminado reage completamente com seu sentimento, com seu

[7] *Roshi* é um termo japonês empregado no zen-budismo como título honorífico para designar um indivíduo que, depois de ter seguido um treinamento árduo, se tornou apto a ser, ele próprio, um professor.

afeto, não fica congelado. Portanto, observa-se um aspecto negativo sobre o europeu. E é por isso que Jung sempre dizia: "É típico da raça branca: nós somos ladrões. Queremos roubar tudo". Observe nossos museus, nós roubamos os deuses de todas as populações. Observe os museus etnológicos. O Oriente fez um esforço enorme para adquirir os valores psicológicos interiores e, agora, nós, depressa, queremos roubá-los também. Mas tudo isso é baseado em experiências psicológicas milenares no Oriente, e nós devemos começar do começo. É por isso que, segundo Jung, é melhor que comecemos do começo com aquilo que podemos fazer, com nossas potencialidades, em vez de ir roubar os resultados dos outros.

Mas o *Self*, a experiência do *Self* no zen, é idêntico à experiência do *Self* entre nós. Há uma diferença, e não é somente porque empregamos os sonhos. Entre nós, há uma aproximação completamente gradual do *Self* num processo analítico, embora muitos pacientes nunca encontrem o *Self*. Nós não vamos pela via direta, vamos a pequenos passos, tão longe quanto o indivíduo possa ir e, lá onde ele quiser parar, ele para; enquanto no zen é programado, é preciso cumprir tudo e, se não se cumpre tudo, não se tem nada. É, por assim dizer, um salto para o *Self*, enquanto, entre nós, se alguém não quiser ter experiências místicas interiores, não somos nós que vamos impor-lhe. Nós curamos a neurose e vamos tão longe quanto suas necessidades interiores o guiarem.

É muito interessante. Eu tenho um aluno que é médico, um coreano que fez um longo treinamento zen e que, agora, estuda psicologia junguiana conosco em Zurique. Ele fez sua tese comparando-a com o caminho zen coreano. Ele tomou um mestre coreano que conhecia muito bem e a psicologia de Jung. A princípio ele nada compreendeu. Mais tarde ele me disse: "Ah! Mas Jung é um oriental, ele pensa como nós, fico admirado de que você o compreenda!" (risos). Ele estava exaltado e, depois de algum tempo, falou: "Devo lhe dizer que

seu caminho é melhor, pois o zen pode ajudar somente uma elite; mas se você tiver uma clínica psiquiátrica, os pobres diabos com obsessões, e não sei mais o que, estes não poderão ser tratados com o zen!".

CM: Há no Oriente uma imagem que muito atraiu Jung e a respeito da qual ele sonhou muitas e muitas vezes. É a mandala.

MLvF: Sim, naturalmente, mas ele não a descobriu no Oriente. Ele a descobriu em si mesmo e (risos), na verdade, numa situação bem curiosa, quando ele estava no serviço militar durante a guerra, a Primeira Guerra. Ele conta nas suas *Memórias* que começou com o que agora se chama na América *droodles*, isto é, garatujas, você sabe, esses pequenos desenhos que se faz quando se está entediado. Ele era médico de uma companhia de prisioneiros canadenses que não estavam doentes; assim, não tinha nada a fazer! Portanto, Jung ficava morto de tédio, e aí ele começou, todo dia, a fazer as garatujas. Ele notou que ele fazia pequenos círculos, sempre pequenos círculos. Depois, ele notou que os círculos refletiam seu estado de espírito: que quando ele estava fora de si, infeliz, não em *si mesmo*, os círculos eram irregulares ou quebrados e que, quando ele se sentia bem e em harmonia, os círculos eram completos. Foi isso que logo chamou sua atenção. Ele disse: "Olhe! Isso parece ser um espelho do estado interior total", e foi assim que ele descobriu a mandala.[8] Então, naturalmente, quando em seguida ele viu que no Oriente era o símbolo do centro onde o divino e o humano se encontram na psique, o centro essencial, também o centro do cosmo, isso o impressionou muito, e viu que havia uma analogia. Depois, ele começou a observar e viu a mesma coisa entre seus pacientes, sempre, quando as mandalas se quebravam. É por isso que ele fez um

[8] Jung, C.G.; Jaffé, A., *Memórias, Sonhos, Reflexões*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

longo estudo[9] em que comparou aproximadamente cinquenta mandalas, mostrando que elas sempre retratam diferentes condições. É um espelho no qual se pode ver onde se está no seu caminho, embora no Oriente já tenha sido codificado há muito tempo e se tornado um instrumento de meditação muito sutil, com ritos etc. No fundo, já se tornou uma teologia.

Eu encontrei um professor japonês que também praticou muito o zen. E ele teve experiências de iluminação. Ele havia, pois, no fundo, encontrado o Buda interior, mas padecia de uma úlcera no estômago. Eu lhe disse: "Mas, se você é iluminado e se você encontrou a mente de Buda em você mesmo...". Ele disse que ia de um médico a outro e que já fizera todas as dietas e que isso não funcionava, a úlcera não melhorava. Eu disse: "Mas então, pergunte ao espírito de Buda o que você deve comer!". Ele me olhou completamente estupefato. Mas eu emendei: "Mas, por Deus, [*sic*] isso é real, se essa iluminação é real, se esse centro interior que é a mente de Buda em você mesmo é real, então você pode lhe fazer a pergunta e, já que a questão que o atormenta é a dieta, faça-a!". Então, como os japoneses são muito polidos, ele disse: "Sim, sim, naturalmente", e sorriu. Eu não tinha a menor ideia se ele o faria ou não. Ele partiu e depois de quatro semanas eu recebi uma carta do Japão: ele tinha perguntado e recebido uma resposta e sua úlcera estava quase curada. Então ele disse: "Ah, eu vejo, vocês junguianos unem uma dimensão da realidade humana àquilo que nós chamamos de religião". A religião tinha se tornado uma coisa abstrata para ele, não é? O espírito de Buda era toda a metafísica, as grandes ideias, mas essa pequena tragédia pessoal da úlcera, ele não conseguia conciliar. Então eu lhe disse: "O que me vale ser iluminado se

[9] Jung, C.G., *Psicologia e religião oriental*, OC 11/1, Petrópolis: Editora Vozes, 1963. A propósito do simbolismo da mandala e "Mandalas", Jung, C.G., *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, OC 9/1 cap.12; *Psicologia e Alquimia*, OC 12, 1991, cap. 2/3; *O simbolismo das mandalas*.

tiver uma úlcera no estômago? Concilie isso! (risos) Isso ainda é a alquimia, a reintegração do corpo. Aí, você vê o quanto a alquimia é moderna".

OS SONHOS E O DESTINO

Entrevista transmitida nos dias 1º, 2 e 3 de dezembro de 1986

CM: Desde a origem dos tempos, os homens têm procurado interpretar seus sonhos para saber o que o amanhã lhes reserva. Há muito tempo, Marie-Louise von Franz tem percorrido esse mundo dos sonhos. Colaboradora privilegiada de Carl Gustav Jung, ela não cessou de viajar por esse continente incerto onde o visível e o invisível se encontram, tanto para se perder um no outro, quanto para aparecer como figuras irreconciliáveis de nosso destino. Seu último ensaio, *Os sonhos e a morte*,[1] tenta decifrar, através dos sonhos, o que a vida tem a nos dizer sobre a passagem para o além.

Estamos hoje em Küsnacht, perto de Zurique, na residência de Marie-Louise von Franz, e para começar nossa entrevista, eu gostaria de insistir primeiro sobre o que se pode chamar de *o caráter profético do sonho*, pois, no silêncio da noite, o futuro procura seu caminho.

MLvF: É uma função de antecipação do futuro. É como se, quando os sentidos não funcionam mais, durante a noite, quando não escutamos mais, não vemos mais, nós nos voltamos para o interior: é lá que o cérebro esboça as possibilidades de soluções futuras. Recentemente, foi descoberto, no Instituto Max Planck de Colônia, que o cérebro trabalha durante o sono com trinta por cento de energia a mais do que durante o dia. Mesmo se Einstein, com a maior concentração, calculasse suas fórmulas, ele empregaria menos energia cerebral do que durante um sonho. O sonho é, portanto, o má-

[1] Von Franz, M.-L., *Os sonhos e a morte*, São Paulo: Ed. Cultrix, 1984. No decorrer desta entrevista, Marie-Louise von Franz faz alusão a seu livro, trata-se do lançamento da obra.

ximo de aprimoramento cerebral no ser humano, e isso tem um sentido. Sabemos que, se impedirmos a pessoa de sonhar, ela morre ou se torna esquizofrênica. Isso tem, portanto, uma função vital.

Essa função vital sempre foi conhecida por todos e, ainda na Idade Média, entre nós, a Igreja Católica falava do *somnia a Deo missa*, isto é, os sonhos enviados por Deus. Jung redescobriu esta velha verdade, que sempre existiu: que o sonho, no fundo, tem uma sabedoria maior do que a nossa sabedoria diurna e que, quando estamos com um problema difícil, devemos nos voltar para os sonhos. O sonho tem um efeito benéfico, mesmo se não o compreendemos. Mas, se sustentamos seu sentido graças à compreensão, então ele se torna mais eficaz. É por isso que, pelo menos entre os junguianos, empregamos, sobretudo, os sonhos no processo terapêutico. Se um paciente se encontra numa situação difícil e sem saída, nós nos voltamos para seus sonhos e lá, frequentemente, descobrimos os esboços de uma solução futura. É como se uma intuição do futuro estivesse contida no sonho.

Não se pode manipular o sonho. Devo admitir que existem pessoas que dizem poder manipular os sonhos; que, se estiverem sonhando algo desagradável, podem contorná-lo ou algo assim. Mas isso não é verdade. Eu nunca [...] mesmo investigando bem, nunca encontrei uma prova disso. Normalmente, temos mesmo medo de sonhar certos motivos, temos medo de alguns pesadelos, mas eles vêm de qualquer jeito, sem que possamos influenciá-los. Portanto, o sonho, para nós, é um fenômeno natural. É como urinar ou [...] é uma produção vital do conjunto do nosso ser, da qual não conhecemos as raízes. Mas vemos que existe um instinto profundo e salutar que se exprime no sonho, e é por isso que o empregamos na terapia. Porque, se alguém segue seus sonhos, está seguindo seu instinto, ao passo que a pessoa que recusa seus sonhos vai contra si mesma, vai contra seu instinto mais profundo.

Para mim, é natural dizer, depois de tudo que já se comentou sobre a morte – se há ou não vida após a morte –, depois de toda literatura que temos agora sobre a morte: "Por que a pessoa não olha para seus sonhos? O que os sonhos dizem sobre a morte?". E quando conheci Jung, eu sabia que ele era muito interessado nos sonhos que tratam do motivo da morte, da própria morte (da morte do sonhador), mas também da morte das pessoas próximas. E vemos, se analisarmos as pessoas, que os sonhos levam em conta o assunto da morte muito seriamente. E, com frequência, pode-se prever a morte imediata. Eu mesma, no meu livro, conto o caso de um médico que teve um sonho iniciático durante a análise. Era um homem ainda relativamente jovem, nos seus cinquenta anos, e o sonho predizia que ele iria morrer. Naturalmente, nada lhe disse, mas guardei na memória e pensei: "Meu Deus, não há futuro". É fatal. De fato, depois de algum tempo, ele morreu de gripe, de forma bastante repentina. Portanto, de uma infecção que ele ainda não tinha. Isso não era como se já tivesse um câncer secreto que ninguém soubesse. Portanto, o inconsciente sabe o futuro, às vezes, o prediz nos sonhos e é por isso que nós nos voltamos para os sonhos.

Então, reflito comigo mesma: "O que é a natureza...". Mas em vez de ter uma opinião que seja religiosa, ateia ou materialista, em vez de dizer que com a morte tudo está acabado ou que há uma vida futura depois da morte, eu deixei essas questões de lado para indagar: "O que a natureza nos diz a respeito da morte? O que os fatos relatados nos sonhos nos dizem sobre ela?". E aí descobri, confirmando o que Jung já mencionara oralmente e também nas suas cartas, mas não nos seus escritos oficiais, que o inconsciente crê numa vida futura, que os sonhos apontam todos para a continuação da vida.

Jung encontrou uma forma bem objetiva [...], ao invés de fazer teorias sobre os sonhos – você sabe, existem muitas

escolas de psicologia que propõem diferentes teorias sobre os sonhos –; portanto, ao invés de uma teoria, Jung decidiu simplesmente amplificar o sonho. Isso quer dizer, expandir os temas: se há um motivo acerca de planta, deve-se, então, procurar qual é o papel simbólico que a planta desempenha nas fantasias, nos mitos de toda humanidade. Se há um pássaro, o que o pássaro sempre representou nas religiões, nos mitos, no folclore, nos sonhos das outras pessoas etc. Trata-se, muito simplesmente, de comparar vários motivos. Se os expandirmos (amplificar quer dizer expandir, tornar mais amplo a partir de associações gerais), se amplificarmos os motivos, então, de repente, recebemos uma intuição, vemos para onde o todo vai.

Se você se lembra, por exemplo, do sonho bem curto que contei, *de um campo de trigo que é destruído por uma manada de touros*, isso era, portanto, apenas um esboço. Mas trata-se de um homem que havia sido informado pelo seu médico de que tinha metástase de um melanoma por todo o corpo. Sabia, portanto, que estava perdido, que iria morrer. Ele não cria em nada, era ateu, materialista e não acreditava em vida após a morte. Isso foi um choque horrível. Então, o sonho é um pequenino esboço: *há um campo de trigo que é destruído por uma manada de touros, e uma voz diz: "Isso vai brotar de novo das raízes"*. Então, naturalmente, como ele estava bloqueado emocionalmente, não compreendeu o sonho. Mas se o amplificarmos (você pode ver isso em meu livro), a imagem da vegetação destruída e que volta a brotar é uma das imagens preferidas dos sonhos sobre a morte, como a dizer: a vegetação, por exemplo, uma árvore (se você olha uma árvore), ela morre em parte a cada outono: as folhas caem, morrem, mas a árvore fica e brota novamente. E desse modo, existem muitas plantas que desaparecem no outono e brotam de novo na primavera, a partir das raízes, do rizoma, como diz Jung.

É uma imagem que o inconsciente emprega com frequência acerca da morte, como para dizer: o desaparecimento da pessoa na morte não é total, há algo que fica no subterrâneo, por assim dizer, no inconsciente ou na psique, ou não sabemos onde, e daí a vida retorna. E desse modo, se amplificarmos etnológica e mitologicamente os sonhos, podemos encontrar o que o inconsciente quer nos dizer no que concerne à morte.

Isso é importante, porque percebemos que, quando as pessoas acreditam, confiam nos seus sonhos, não rejeitam as mensagens dos sonhos, acabam tendo uma morte muito mais tranquila. Como Jung diz: "Isso é incerto, não é uma prova da imortalidade". Não é bem uma certeza. Aquilo que vemos nos sonhos não é claro o bastante para dizer que temos uma prova da imortalidade da alma. Mas nos dá um sentimento instintivo de que, *provavelmente*, há uma vida que continua. Se dermos crédito, se tivermos confiança nisso, morreremos em harmonia com nosso instinto e *isso* é uma grande vantagem, porque então a pessoa estará em harmonia consigo mesma, não lutará, não se tornará estranha a si mesma. É por isso que, se analisamos alguém que se encaminha para a morte, se lhe interpretamos os sonhos, vemos que isso lhe dá uma grande consolação e que isso o acalma. Se analiso um paciente que deve morrer, nunca lhe digo: "Você deve crer em uma vida depois da morte, ela continua". Eu somente coloco uma ênfase no sonho e naquilo que o sonho quer dizer. Sempre vejo como seu semblante muda e como um sentimento de harmonia, de calma se espalha sobre sua pessoa. Naturalmente, existem pessoas que não querem aceitar. Aquele homem com os melanomas não quis aceitar minha interpretação, então nada mais lhe disse. Ele tem direito de pensar como quiser.

CM: Desde sempre, Marie-Louise von Franz, os homens se perguntam sobre a vida após a morte e, mais particularmente, so-

bre as formas dessa vida. Os sonhos talvez desvelem uma parte dessa fronteira tão obscura?

MLvF: A questão mais ingênua que me tem atormentado é esta: "A consciência individual é preservada?". Um humorista alemão disse: "A doutrina da reencarnação é muito duvidosa porque, poderei ainda dizer: sou eu?". E eu digo: "Em que isso me ajuda (a imortalidade) se eu não estiver lá para degustá-la?". Parece-me, pelo material onírico que pude colecionar, que os sonhos mostram que algo da individualidade permanece; portanto, posso dizer que esse sentimento de identidade individual que temos durante nossa vida parece prosseguir após a morte. Não sabemos se isso continua por muito tempo, mas parece certo que, após a morte cerebral, após o momento da morte, isso ainda continua. Aí está uma das questões essenciais, mas, por outro lado, o que sabemos, e que é certo, é que o corpo é de matéria grosseira e destrutível. Sabemos o que acontece no crematório e na sepultura onde ele é decomposto. Também sabemos, nos parece, pelo menos de acordo com os sonhos, que é provável que o eu cotidiano, aquele que se poderia chamar de pequeno eu, o eu que diz: "Agora devo ir comprar a salada e amanhã devo visitar a senhora Fulana de Tal, e depois de amanhã farei isso e aquilo", o eu que se ocupa de futilidades, este parece desaparecer com a morte. Há um eu, que chamo de eu purificado ou o eu essencial – pode-se também chamá-lo de eu essencial –, que, de acordo com os sonhos, parece ser preservado. Esse eu essencial é, em parte, idêntico ao que Jung chamou de *Self*. O *Self*, para Jung, é a totalidade não conhecida da psique, e é também a base do eu individual.

Reflita um pouco sobre o fato de que nosso eu se extingue a cada noite, quando dormimos, embora quando acordamos ele está de novo idêntico. O que preservou essa identidade do eu durante a noite? Quando eu era jovem, muitas vezes

eu me perguntava: "Por que ainda sou eu mesma qu
acordo de manhã?". Pense somente nessa ideia. Uma cena de ficção científica poderia ser feita com este tema: você acorda de manhã e pensa que é outra pessoa, você perdeu a identidade. Portanto, há algo, uma função psíquica que preserva a identidade do eu.

Essa função psíquica que preserva a identidade do eu tem a ver com a homeostasia completa do psiquismo humano – e esse é o centro regulador da alma, que Jung chama de *Self*. E o *Self* e o eu são, em parte, idênticos. Os hindus sabem disso e é por essa razão que eles falam do atmã individual, que tem a ver com o eu em sua própria casa, enquanto o atmã transpessoal ou universal são idênticos. E na morte, parece que o eu é transformado. Isso não é de todo insólito, pois, sobretudo na psicoterapia, muito frequentemente, testemunhamos uma mudança profunda do eu numa personalidade. Todos conhecem, por exemplo, a profunda modificação que tem lugar durante a puberdade, a mudança profunda que tem lugar no meio da vida, que tem lugar durante as doenças graves etc. As pessoas são transformadas. São as mesmas e não são mais as mesmas; se transformam. E, na morte, parece que seremos os mesmos e, não obstante, poderemos ser transformados de certa maneira. Toda a futilidade, toda a sede de se ocupar de fatos exteriores não funciona mais, nós nos desfazemos desse lado. É também uma separação em parte muito penosa. Existem pessoas que têm grande dificuldade de se separar da vida exterior, do mundo, das emoções, dos desejos, dos laços interessantes. O que permanece no ego purificado parece ser apenas algo eterno, algo imperecível.

Jung descobriu que, no fundo, a partir da metade da vida, quando atingimos o ápice da vida exterior, física, biológica e sociologicamente falando, começa um processo de preparação para a morte, um processo de maturação interior. E isso mostra que a morte não é algo súbito, que chega no

fim de nossa vida. É um *opus magnum*, uma grande obra. O esforço que fazemos, a tomada de consciência (e isso é essencial) é inteiramente importante. Pode-se dizer, portanto, que, a partir da metade da vida, começamos a viver essa "eternização". A imagem mais simples e a mais convincente que você encontra em alguns sonhos, e que já citei, é a ideia do fruto: no fim de nossa vida fica um fruto que será preservado na eternidade, em uma livraria ou em uma granja ou algo assim. Esse fruto é, no fundo, psicologicamente dizendo, o resultado de nossos esforços em fazer consciência. Portanto, de acordo com Jung, haveria dois sentidos para a vida. Há um sentido que é de viver a vida, de viver a sexualidade, de viver a carreira, de viver a atividade social, de viver, de gozar a vida, isto seria a tarefa desta vida. Vemos que, se os filhos não querem se separar de seus pais e se recusam a viver a vida, eles se tornam neuróticos e, frequentemente, nas análises de jovens, devemos ajudá-los a aprender a viver. Jung, uma vez, disse rindo: "Temos escolas, muitas, muitas escolas para preparar os jovens para a vida; não temos escolas para preparar os idosos para a morte". Devemos agora fundar escolas para preparar os idosos para a morte e esse é um processo que começa no meio da vida, é um processo de tomada de consciência. E aí temos as questões concernentes ao sacrifício de tudo aquilo que é fútil, do sacrifício das pulsões imoderadas. É tudo um esforço de maturação em direção à sabedoria, a um equilíbrio interior. O resultado é então aquilo que os sonhos chamam de fruto, que é guardado na outra vida. Penso agora no sonho de um homem que, aos sessenta anos, tinha começado uma relação com uma prostituta e que se sentia profundamente liberado e feliz; enfim, um pouco de vida que ele ainda podia viver. E então sonhou que *ele percorria um caminho a cavalo e, de repente, chegou diante de um abismo, e uma voz lhe disse: "Este caminho não continua"*. Você vê que, às vezes, a natureza é muito brutal. Geralmente, contudo, o ser humano não sacrifica nada que não deva ser sacrificado. Entretanto, há o [illegible] mento em que se deve sacrificar, em que se constata que, no fundo, a sublimação, no sentido freudiano, é muito otimista. Poderíamos crer que, se fizermos um esforço razoável, tudo estará resolvido! Se, por exemplo, sentimos que a sexualidade não é razoável, nós a superamos! Isto, entretanto, não é tão simples; o processo é penoso, mas o que é consolador é que a própria natureza faz a sublimação. A natureza nos conduz ao sacrifício.

Em suas *Memórias*,[2] Jung diz: "Nunca deixei de sentir que havia algo antes da minha vida terrestre e que há algo que virá depois da minha vida terrestre". A vida que vivemos, a vida temporária que vivemos como uma identidade pessoal, como Marie-Louise von Franz, como Claude Mettra etc., é somente um fragmento. Isso tem um começo que vai muito mais longe e um fim que alcança muito mais além.

CM: Quando se fala de sacrifício, sempre se tem em mente a imagem de uma privação, de algo que nos toma aquilo que desejamos. No entanto, no sentido primitivo, o sacrifício é outra coisa, é um ato pelo qual a criatura, qualquer que seja ela, afirma sua participação na obra divina, no sagrado. Então, o sacrifício mais completo não seria, basicamente, o retorno a uma parte de nós, àquilo a que chamamos *Self*? Esta parte em nós que é a imagem do nosso pertencimento a algo que é, dizendo de modo simples, da ordem do divino?

MLvF: Sim, você tem toda razão. É assim que a experiência é feita. Para as pessoas que ainda creem em algo divino, que ainda estão inseridas em uma ordem religiosa, o sacrifício é algo evidente: é algo com o qual exprimimos nossa partici-

[2] Jung, C.G.; Jaffé, A., *Memórias, Sonhos, Reflexões*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

pação nesse poder que é maior do que nós. Já para o homem moderno, que muitas vezes perdeu essa conexão, a coisa lhe parece ser arrancada. Mas isso (o sacrifício) é uma grande vantagem, pois, se alguém vem até nós e, por exemplo, diz: "Isso e aquilo me foram tomados e eu não compreendo o porquê", então nós observamos os sonhos e os sonhos apontam para o fato de que o *Self* é quem arrebata. É por isso que cada perda na vida é, no fundo, uma possibilidade de descobrir o *Self* e de redescobrir a ordem espiritual à qual pertencemos. Este é um fato, por exemplo, muito frequentemente observado na psicoterapia da segunda metade da vida: as pessoas vêm a nós porque sofreram perdas. Perderam sua mulher, sua carreira, sua capacidade de escrever, sua sexualidade ou o que quer que seja. E, ao analisarmos os sonhos, nós podemos lhes mostrar que existe um fator maior neles próprios – e que faz sentido –, que lhes tomou tais coisas e que, se o percebem como um sacrifício e aceitam o arrebatamento, há um sentido inteiramente diferente. Elas descobrem, então, que estão inseridas, que são submissas a algo maior no interior de si mesmas, a um centro psíquico que guia sua vida. É por isso que o mistério do sacrifício é o maior, e é ainda maior na Missa católica. Você tem tudo isso expresso, por exemplo, na Missa católica. Só que, em geral, as pessoas não compreendem mais. É uma experiência: cada arrebatamento, se conseguimos perceber seu sentido, é uma experiência divina. Jung certa vez deu uma definição: Deus é algo que nos contrapõe. Em nós mesmos, nós nos contrapomos ao Deus interior. E faz toda a diferença se modificamos nossa atitude, se dizemos sim ao arrebatamento, ao invés de nos debatermos de uma forma infantil, pois, dessa forma, outro sentido se revela nessas coisas. Assim, se vemos a morte somente como um arrebatamento da vida, isto é, uma catástrofe, é alguma coisa que entregamos, que vemos como tabu, que reprimimos, que não queremos ouvir nem ver. Mas se dissermos *sim* à morte, haverá um sentido secreto que se revela nos sonhos.

CM: Um dos aspectos mais importantes para nossa época, creio eu, e que você trata na sua pesquisa, é a energia. Na nossa condição de ser vivente, consideramos que nossa energia esteja ligada à nossa carne, ao menos parcialmente. Falamos de uma energia física. E essa energia encontra sua ressonância também em outro lugar, naquilo que podemos chamar de energia psíquica. A transformação da qual nosso ser é objeto, tanto pelo nascimento como pela morte, implica que há uma mudança de energia. Então, como podemos olhar essa energia da qual nós somos o território e como continuar seguindo nossa aventura nesta vida, tendo em vista o estágio em que nos encontramos? Como esta energia é investida em nós?

MLvF: Sim...

CM: Você fala em particular do corpo, depois do corpo sutil, depois da energia pura.

MLvF: Sim [...], pode-se dizer que, em geral, o que é reconhecido hoje é que somos constituídos de energia física. Nosso corpo é físico (do ponto de vista da física), é uma compilação de energia, uma concentração de energia atômica ou subatômica que, finalmente, se desintegra com a morte. Nós, em psicologia, falamos, e isso é também mais ou menos admitido, de energia psíquica. Se eu digo: "Sim, eu o amo bastante" *com um tom desligado* ou se eu lhe digo: "eu o amo" *com ênfase*, há uma diferença de energia. Mas essa diferença de energia não podemos medir. Nós a avaliamos com nosso sentimento. Por exemplo, durante as sessões terapêuticas, sente-se imediatamente quando o paciente diz alguma coisa que é muito importante para ele no momento. Há uma pequena

hesitação, uma diferença de expressão, algo na voz que modifica e, então, ficamos logo alertas e pensamos: "Agora vem alguma coisa importante, agora ele ou ela dirá alguma coisa de importante". É nesse sentido que falamos de energia psíquica. Existem problemas nos quais as pessoas investem uma enorme energia psíquica e, em outros, não. Isso é o interesse, a participação sentimental etc., isto é, a energia psíquica.

No fim de sua vida, Jung levantou a hipótese de que, *talvez* (e é somente uma hipótese por enquanto), a energia psíquica e a energia física sejam duas formas diferentes da mesma energia. Existe uma energia cósmica que se manifesta como energia física que é mensurável e da qual se ocupam os físicos. Existe outra que é a energia psíquica, que nós observamos o tempo todo nos contatos humanos, na psicologia. Então o problema é: onde estão as formas de transição? E aí Jung, no fim de sua vida, chegou ao corpo sutil. Ele sempre acreditou ou simplesmente disse que existe, entre o físico grosseiro e a energia psíquica, o psiquismo puro; que haveria uma forma no meio, entre os dois. Ele hesitou em falar, porque não encontrava argumento irrefutável para comprovar os fatos. No entanto, há uma grande tradição nas religiões da Ásia e também, em parte, no espiritualismo e no gnosticismo do Ocidente: existe certo corpo sutil. Essa sempre foi a doutrina entre nós até o século XVII, mas é uma ideia metafísica, não se encontravam provas práticas. A única prova prática que, no fim de sua vida, Jung publicou em uma carta é o fato de que não sentimos o que chega ao nosso corpo. Há enormes processos físicos que não sentimos. Não sabemos o que o nosso fígado faz.

CM: É tudo um processo que está escondido.

MLvF: É um processo oculto. Jung disse: "Isso parece provar que há algo entre o psiquismo e o corpo grosseiro que blo-

queia o contato. Eu estou completamente convencida da existência do corpo sutil, pois sou um pouco "médium". Por exemplo, nas sessões terapêuticas, se alguém tem resistência contra mim e não me diz, sempre sinto um bloqueio físico entre mim e o outro, e isso me enerva, isso me faz vibrar fisicamente. Às vezes, as pessoas o criticam, ou não estão de acordo com você, mas não têm coragem de dizê-lo.

CM: Você sente o nó porque você é um pouco médium.

MLvF: Sim, sinto o nó e, então, devo dizer: "Mas o que você tem hoje, o que há? Existe alguma coisa que bloqueia?". Eu o sinto fisicamente. É o corpo sutil entre mim e o outro que fala. Não é o físico grosseiro, mas é algo de físico.

CM: Não se poderia questionar, portanto, se esse corpo sutil não é (assim como nosso corpo físico e o nosso corpo psíquico) precisamente o objeto de tais nós, dos bloqueios? Quer dizer, em relação ao corpo físico, o corpo sutil não seria, então, um pouco, o reflexo dos desastres do corpo físico?

MLvF: Sim, absolutamente, é isso que parece provável.

CM: Quer dizer que existem pessoas que têm o corpo sutil em mau estado?

MLvF: Sim. Se você tem sensibilidade em relação a essas coisas, sente quando a pessoa entra na sala, sente que há alguma coisa que não funciona bem. E, no mais, na China e no Japão eles falam da energia *qi* (*qi* quer dizer energia física e energia psíquica). Eles têm um conceito unitário de energia. No fundo, o que eu proponho, e o que Jung propôs naquela carta a Raymond Smythies[3] que cito, é retornar à hipótese de

[3] Jung, C.G., Cartas de *C.G. Jung - Vol. II 1946-1955*, Petrópolis: Vozes, 2002.

que a energia é psicofísica. Na morte, haverá uma separação da energia grosseira do corpo, que se decompõe e se retira, por assim dizer, para o psiquismo. É por isso que, quando a pessoa morre, frequentemente acontecem fenômenos parapsicológicos: o relógio para, cai da parede um quadro, ou um objeto preferido se quebra.

CM: E essa passagem é relativamente lenta? Não é um acidente brutal?

MLvF: Não. Há transições lentas, sobretudo quando as pessoas são muito velhas. Acabo de fazer uma experiência que é uma continuidade do que eu publiquei no livro. Um de meus alunos coletou alguns sonhos, tendo se concentrado naqueles em que os mortos apareciam nos sonhos dos vivos, e selecionou alguns, como registro no meu livro. Por exemplo, ele próprio sonhou muitas vezes com seu pai morto e, após selecionar alguns deles, disse: "Aqui está, de fato, meu pai e lá é somente a imagem do meu pai em mim, o pai subjetivo, intrassubjetivo, em mim". Ele me apresentou a série sem me dizer quais ele pensava serem objetivos ou subjetivos, e nós acabamos fazendo exatamente a mesma escolha; estávamos inteiramente de acordo. Portanto, o que chamamos de sonhos objetivos são os sonhos que, verdadeiramente, parecem demonstrar a aparição do morto no sonho, e não a imagem intrassubjetiva que tive no sonho acerca do morto. Há uma nuance, uma qualidade diferente que se pode sentir.[4] De resto, os povos primitivos, em geral, sempre acreditam que os mortos que aparecem nos sonhos são objetivos, mas aqui há uma grande confusão. Existem pessoas que sonham toda noite com seu pai e sua mãe mortos, mas a imagem é puramente subjetiva; tais sonhos tratam, na verdade, do seu

[4] Von Franz, M.-L., *A Paixão de Perpétua*, Belo Horizonte: Privada, 2009.

complexo materno ou paterno. Na prática psicoterapêutica, nós raramente levamos em consideração o morto objetivo. Sempre dizemos: "Sim, isso é o seu complexo paterno negativo ou seu complexo materno que aparece".

Luigi Aurigemma: Jung pensa (e parece que você está de acordo com ele nesse ponto) que os fenômenos de comunicação direta, de presença direta acontecem nas primeiras semanas ou primeiros meses após o evento da morte.

MLvF: Sim, são mais frequentes. Jung diz que esses fenômenos existem. Eles se repetem também muito mais tarde, depois de vinte, trinta anos, mas são raros. Geralmente, essas aparições do morto objetivo, se quisermos dizer assim, acontecem algumas semanas após a morte, usualmente perto de seis semanas. Durante seis semanas, há uma presença imediata que depois se evapora lentamente, por assim dizer. Existem visões que nos dão o sentimento de que elas nos falam de outra realidade, do além (pouco importa como queiramos chamá-la). A Igreja Católica já se atormentou com este problema: há os *somnia a Deo missa*, os sonhos enviados por Deus e os sonhos que vêm da má digestão, como se diz. É um sentimento de qualidade, não temos um critério científico para estabelecer uma diferença. É por isso também que, nos processos de santificação de um beato, sempre houve o problema: trata-se de uma visão verdadeira ou de uma visão metafísica. E é a mesma coisa entre todos os povos. Somente se pode decidi-lo com certa integridade da função sentimento. Não se pode decidir intelectualmente.

E há os sonhos [...] Laurens van Post conta uma história trágica de uma tribo que tinha um visionário, um *curandeiro* visionário, que sonhou que a tribo deveria abater todos os animais e se encaminhar em direção ao mar. Eles mataram todos os animais. Deixaram o país, caminharam para o mar

e todos pereceram. Logo se pode [...], é aí que o problema da interpretação se torna difícil. É uma questão de vida ou morte encontrar a interpretação adequada. Os sonhos, se os interpretamos mal, podem nos conduzir a catástrofes. Um lado infantil em nós, e que gosto de chamar de "concretista", sempre quer interpretar as coisas literalmente: agora estamos em um paraíso, como o paraíso do Islã, com as huris e banquetes fartos e tudo mais. Tudo isso é do simbolismo: devemos compreendê-lo simbolicamente, e não tomá-lo concretamente. De outro modo, é simplesmente infantil, é [...], mas aí, há ainda a grande tarefa para a ciência futura que é diferenciar o julgamento desses símbolos em relação à interpretação desses símbolos. Este é o grande mistério com o qual nós somos, agora e sempre, confrontados (e somos confrontados todos os dias) na nossa prática.

CM: Há um aspecto que você desenvolve magnificamente na sua pesquisa. São precisamente os grandes sonhos luminosos em certos momentos da existência humana e, mais particularmente, quando essa existência humana parece chegar ao seu fim. Você relata, muitas vezes, e mostra que, de certo modo, essa descoberta, essa presença de luminosidade é como a indicação de uma luz que existe em alguma parte no além, sendo que nossa vida consiste em procurar tal visão. O que é essa luz?

MLvF: Creio que mesmo essa imagem deve ser tomada simbolicamente: a luz sempre foi o símbolo da tomada de consciência. É por isso que em inglês se diz: *it dawned on me*, quando se compreende alguma coisa ou que algo iluminou. Ou dizemos: vemos claramente. "Agora eu vejo claro. Vejam! Agora eu vejo claro!". Ou: "Estou tateando no escuro", quando não compreendo. A tomada de consciência é o grande mistério da vida humana. De acordo com o mito de Jung, o sentido da vida humana é a tomada de consciência. Estamos aqui, na

terra, para tomar consciência. Isso parece ser o objetivo da evolução. Pelo menos neste planeta, a vida evolui para uma maior tomada de consciência. Pois, provavelmente, os caracóis e as cobras etc., que não têm...

CM: As formas inferiores da vida, é isso?

MLvF: As formas inferiores da vida têm menos consciência. Vemos também que, pelo que sabemos da história da evolução da humanidade, tem havido certa aceleração na tomada de consciência. Isso parece ser o sentido final de nossa existência. Eu me lembro de uma senhora bem idosa, extremamente superficial, que pensava somente nos prazeres da primeira metade da vida e que vivia ainda a vida de uma prostituta. Era muito divertida e, uma vez, Jung conversou com ela e, quando ela saiu, ele sacudiu a cabeça e disse: "Creio que, quando ela morrer, vai se esquecer dessa existência em cinco minutos". Porque nada de importante aconteceu em sua vida. Portanto, pode-se dizer que, talvez, haja uma diferença de gradação. Parece, de acordo com os sonhos, que há uma diferença de gradação; que existem pessoas que desperdiçam a vida em besteiras e superficialidades e que, quando chegarem ao além, esquecerão de tudo. Mesmo durante a vida, elas já esquecem tudo! Nada fica. Existem pessoas extremamente inconscientes e outras que refletem mais e tomam consciência.

CM: Isso me leva ao que você dizia ainda há pouco quando se pensa que a tarefa do homem é expandir ao máximo o campo da consciência.

MLvF: Sim.

CM: Mas pode-se também entender o campo da consciência como um campo de descoberta de si mesmo, quer dizer, torna-

mo-nos cada vez mais conscientes do que somos, de nossa realidade profunda. E você indica também que isto é o que sobreviverá, provavelmente, em todo caso, à nossa existência pessoal. Toda essa consciência que colocamos a nu, que iluminamos, é o que continuará a existir depois do nosso desaparecimento, para o bem geral da espécie humana.

MLvF: Sim, parece que isto será preservado; que todas as grandes tomadas de consciência pelas quais passamos e nos tornamos verdadeiramente conscientes, objetivamente, fazem que um pouco de nós mesmos permaneça. Estou certa de que, em algum momento, você experimentou uma situação na vida em que algo magnífico ou muito triste, ou algo assim, tocou-o no mais fundo de você mesmo e concluiu: "Nunca me esquecerei disso". Esses momentos sublimes em que estamos em contato com a eternidade são os que permanecem. Nós temos o sentimento de que já somos eternos, que já estamos em contato com a eternidade. Lembro-me de momentos na minha vida em que fui para meu quarto e disse: "Isso que chega na minha vida, esse momento sublime de felicidade jamais esquecerei, jamais, jamais, nem mesmo depois da morte".

CM: Então, Marie-Louise von Franz, em vários sonhos de natureza mais ou menos profética, pode-se observar certo tipo de imagem de núpcias, de uma união em que figuras contraditórias da nossa interioridade se encontram, de repente, numa condição de fusão. Assim, começaria a verdadeira união do ser, a vida concebida, no fundo, como uma única vibração.

MLvF: Jung interpreta, nas suas *Memórias*, esse casamento como puramente intrapessoal: é um casamento com o *Self*. São as núpcias místicas, por assim dizer, com a divindade. É também isso que, na cabala judaica ou no islamismo, o homem pio encontra na sua vida: ele é transformado em mulher e se une com a divindade no casamento místico. Embora eu seja mulher, não gosto de pensar que tal casamento seja apenas comigo mesma, penso que isso deve ser também com o parceiro que amei durante minha vida. E aí, há o grande problema: será que nos encontraremos no além? Será que esse casamento místico é puramente intrapessoal ou será que encontraremos ainda o homem ou a mulher que amamos? Não sei. Eu prefiro pensar que encontramos o homem ou a mulher, o homem que se amou. Pois há aí um grande problema que Jung, muitas vezes, levantou: para a mulher, a relação humana é o objetivo mais alto, aquilo que é o mais importante para ela mesma; já para o homem é a obra. O homem diz: "Isto foi mal enjambrado durante a criação, se eu fosse Deus, eu faria de outro modo".

CM: E como ele faria? O que não funciona bem na criação?

MLvF: É que o homem tem um objetivo diferente na vida se comparado à mulher, e isso é o que cria as tragédias entre homens e mulheres. É o maior contraste. Mas creio que se podem unir esses dois pontos de vista e compreender que o casamento místico na morte é uma união da pessoa consigo mesma, com o *Self*. "Consigo mesmo." É de tal modo egocêntrico que é melhor dizer, de preferência, uma união com o *Self* divino; uma união na qual os seres que se amaram estão implicados, e assim também o estarão no além.

CM: Já que você falou de amor, podemos falar um pouco acerca do sonho e da capacidade do sonho de revelar o futuro. Os sonhos nos dizem alguma coisa sobre o amor?

MLvF: Oh, isso [...] Não posso lhe dizer. É muito difícil em uma entrevista de rádio.

CM: Pode-se tentar.

MLvF: É tão complicado, não é? Há a relação, há relações simples, há relações de amor biológico, há [...] o Amor, isso tem uma extensão que vai do mais baixo ao mais alto.

CM: Não. Falo no sentido mais elevado, o mais geral. Esse tipo de expansão do ser que faz com que um homem ou uma mulher, que estão apaixonados, tenham o sentimento de ser "um outro".

MLvF: Eu diria que cada ser que está amando honestamente é tocado por algo divino, é tocado por algo de eterno e é isso que cria uma grande expansão da personalidade. E também, como diz Jung, isso nos dá a coragem de arriscar tudo, de tudo sacrificar. O amor nos inspira a realmente colocar as cartas na mesa, a nos expor e a tudo sacrificar. Isso nos aproxima do *Self*, nos aproxima de nós mesmos, nos aproxima da eternidade. É por isso que, além de tudo, há um parentesco entre o estado amoroso e a aproximação da morte. É por isso que, por exemplo, no Japão antigo, muitos casais de amantes saltavam juntos no Fugi Yama, e que ainda hoje há frequentes suicídios comuns de casais. E se você ler as cartas que eles deixam, há sempre a ideia de que eles querem eternizar seu amor. Porque eles sabem que, se eles se casarem nesta terra, haverá o desencantamento, haverá a degradação. E para permanecer nesse estado sublime eles se matam no momento do maior amor. Portanto, há aí também essa ideia do casamento, da morte. É, no fundo, o estado mais sublime do ser completo. É por isso, provavelmente, que em todo grande amor há essa luz que se manifesta. É por isso que este é um estado que tanto se deseja quanto se teme, ao mesmo tempo.

CM: Como aparece nos sonhos essa imagem do amor como revelação do *Self* profundo, em definitivo?

MLvF: O parceiro aparece como Deus. Você está nos braços do parceiro e experimenta o sentimento absolutamente sublime de unidade, de êxtase, de unidade. Isso aparece nos sonhos de todas as formas. Isso aparece sob a forma sexual, isso aparece sob a forma [...], abraçamos o parceiro ou algo assim e acordamos com esse sentimento sublime. Às vezes é, sobretudo, trágico, quando a pessoa está amando e não é correspondida. Ela sonha todas as noites que está nos braços do parceiro, acorda com um sentimento sublime de felicidade e, depois, quando desperta, nada é verdade. Os freudianos diriam que é um sonho relacionado à satisfação do desejo, mas não é assim. É, no fundo, um sonho que diz: "É no interior que você deve encontrar a unidade, não no exterior". Na felicidade terrena, sempre existe certa inquietude ansiosa, certo nervosismo de se perder novamente aquilo que se encontrou. Sentimos, se refletirmos de fato, sentimos que mesmo a felicidade terrena é antes uma imagem ou um símbolo de alguma coisa que aponta para o além.

No amor carnal, o grande inimigo é o tempo. É sempre a espada do tempo que está suspensa sobre a cabeça. A felicidade maior, contudo, almeja a eternidade. Na astrologia, a ideia de horóscopo é justamente esta: compreende-se o horóscopo como uma tarefa arquetípica, que nascemos numa certa constelação psíquica que contém todo o psiquismo universal do microcosmo em nós mesmos. Isto é o que, geralmente, os povos do Oriente projetam sobre o corpo, como corpo sutil. E essa é a nossa tarefa. O corpo sutil seria, por assim dizer, a tarefa que nos é dada quando entramos na vida: e nós devemos tomar consciência. Se tomamos consciência, então o que fica é o fruto da realização consciente que pode, eventualmente, mudar alguma coisa no universo. É por isso que eu mencionei, muito rapidamente, essa nova teoria da física de indivisibilidade do universo físico. Parece que há uma indivisibilidade do universo psíquico ou psicofísico e, nesse

sentido, cada pequeno passo que nós damos em direção à tomada de consciência tem um efeito inteiramente universal. Como Jung disse: "Aquilo que chega ao ponto A chegou a todos os lugares". É a ideia chinesa do Tao. Se alguém resolve bem seu problema ou sua tarefa interiormente e invisivelmente, mesmo que não seja divulgada na televisão ou no rádio, ainda assim há alguma coisa que muda no universo.[5] E é essa a nossa tarefa.

Eu fui consultada por uma mulher que tivera um episódio de esquizofrenia havia oito anos e que não dormia mais desde então. Estava inteiramente fragmentada, num estado absolutamente medonho, e ela me disse: "Qual o sentido da minha vida? Estou arruinada, nem os medicamentos me ajudam mais. Que sentido você pode dar à minha vida?". Era uma mulher simples e eu lhe disse: "Você sofre para Deus", e ela logo compreendeu. Ela disse: "Obrigada, agora posso viver". O que eu exprimi nesse caso é, simplesmente, a ideia de (cumprir) uma tarefa. Se ela não se suicidar, mas se sofrer, se aceitar esse sofrimento conscientemente e compreender que está fazendo algo para o eterno nela mesma, então ela faz uma tomada de consciência que é essencial e, quando morrer, haverá um fruto. Não terá sido uma existência sem sentido.

Luigi Aurigemma: Por que este sofrimento suaviza pelo fato de que ela o aceita...

MLvF: Ela o aceita em um sentido superior, vê aí um sentido, entende que a razão disso é aproximá-la de Deus. Há toda uma teoria refinada na meditação chinesa, na meditação tântrica e nos rituais tântricos que indica que cada pulsão arquetípica está ligada a um órgão. Ao se tomar consciência desse órgão, tomamos consciência da pulsão arquetípica. Entre nós

[5] A história do fazedor de chuva contada por Richard Wilhelm a C. G. *in* Hannah, B., *Jung, sua vida e sua obra*, Porto Alegre: Artmed, 2002.

não existe uma teoria tão desenvolvida, mas somos forçados a nos confrontar com os mesmos problemas diante de um problema psicossomático. Há muitas pessoas que vêm nos consultar com um problema de estômago, de fígado, de tudo que você quiser, orgânico, meio orgânico etc. Geralmente, se tentamos iluminar a situação através dos sonhos, do ponto de vista psíquico, vemos que, com a tomada de consciência, o sintoma desaparece, o órgão funciona. É como se o órgão fosse somente o portador simbólico de algo psíquico. Nesse sentido, não fazemos uma tomada de consciência, mas nos separamos do órgão. Nós tomamos consciência do psiquismo que está ligado ou que é projetado sobre o órgão. Isso leva à cura psicossomática.

LA: E é essa tomada de consciência do psiquismo projetado sobre o órgão que cria nosso corpo de consciência, que poderá ser nosso corpo durável, nosso corpo glorioso?

MLvF: Sim. Pode-se dizer que cada vez que somos tocados por um problema, cada vez que somos tocados por um sofrimento, por um problema sem saída, é, no fundo, uma manifestação do corpo glorioso que quer ser reconhecido. É por isso que a cada vez que sofremos, não devemos colocar a questão: "Por que há esse sofrimento?", mas sim: "Qual é a finalidade deste sofrimento do qual você padece?". Jung pensava que havia uma parte do psiquismo que não está encarnada no nosso corpo. Portanto, uma grande parte do nosso psiquismo está encarnada em nosso corpo e, com o corpo, perece. Mas existem fatos [...] Por exemplo, soldados feridos na guerra que, a despeito de terem o cérebro destruído a um grau tal que lhe impedia de ver ou sentir qualquer coisa, ainda assim viam e sentiam. E como esta, temos muitas provas de que há uma parte do psiquismo que não é encarnada no corpo nem no cérebro. O cérebro é, antes, sob esse ponto de

vista, um instrumento pelo qual o psiquismo se manifesta, mas ele não é tudo, não é. A teoria materialista estabelece que o psiquismo é um epifenômeno das funções cerebrais. Mas isso não parece justo, pois nós vemos que o psiquismo continua a funcionar corretamente, mesmo quando o cérebro está em grande parte destruído. E é por isso que há um psiquismo encarnado e um psiquismo que não é inteiramente encarnado. E é provavelmente esse psiquismo não completamente encarnado que continua.

CM: É ele que tem a ver com essa luz que você evoca?

MLvF: Isso tem a ver com essa luz que evoquei antes; tem a ver com o fato de que há uma parte do psiquismo que não é tocada nos processos grosseiros da matéria.

CM: E qual é a sua relação pessoal com essa luz? Quero dizer, durante sua vida você teve a percepção de vez em quando...

MLvF: Quando tinha dezenove anos, uma vez fui esquiar na Áustria e caí; deslizei, caí sobre uma ravina. Enquanto caía, enquanto estava no ar, pensei que era o fim, porque havia quatrocentos metros de abismo. Pensei que não sobreviveria. E, nesse momento, tive uma visão de um globo luminoso que estava justamente em cima do meu peito. E meu peito parecia que estava cortado, aberto. Era uma alucinação. Ele me parecia cortado, aberto e eu tinha o sentimento de que deveria colocar esse globo luminoso no meu peito e que, se eu conseguisse fazer isso, tudo estaria em ordem: haveria a maior beatitude, não haveria mais problema. E quando eu tocava o globo luminoso, ele escorregava das minhas mãos, não podia segurá-lo. E nesse momento eu pensei: "Então será preciso voltar para a terra e praticar isso antes de morrer". E nesse momento, alguma coisa me pegou pela perna e a voz do monitor

de esqui me disse: "*Sacré, sacré nom d'un chien*,[6] você quase me levou também para o abismo". Ele tinha saltado e me apanhado no ar. Deram-me meia garrafa de conhaque, pois tive um choque nervoso. Eu sempre deduzi que o sentido disso, portanto, o sentido da minha vida, é de encontrar, de poder integrar essa luz que eu tinha visto durante esse momento tão próximo da morte.

CM: E você voltou a encontrar, de vez em quando, essa luz no decorrer de sua vida?

MLvF: Não dessa forma, mas sob outras formas. Oh, não posso lhe contar minha vida toda, mas minha vida é uma série de encontros com momentos eternos, momentos em que essa eternidade é tocada. Além disso, eu tive uma experiência quando terminei este livro. Tive um infarto cerebral, é por isso que tenho agora um sintoma de Parkinson. Durante um momento, não podia mais me exprimir, não podia mais falar, não podia mais caminhar, quase não podia mais me mexer. E não me senti, de modo algum, psiquicamente atingida. Foi um choque terrível ver que não podia mais me comunicar com a vida exterior, não podia mais falar e me fazer compreender pelas pessoas ao meu redor. Eu via que as pessoas me olhavam chocadas e pensavam que eu estava completamente idiota, que tivera um golpe de apoplexia, que não entendia mais nada. Mas interiormente, eu estava completamente normal e era completamente eu mesma, não havia perdido minha identidade. Portanto, o problema cerebral não afeta a psique. Somente o modo de expressão é perturbado; não podemos mais nos exprimir. É como um pianista e seu piano: se você destruir o piano, você não vai mais escutar a música, mas o pianista ainda está lá. Foi isso que me convenceu de que há

[6] Expressão idiomática vocativa com significação análoga ao dito "Sagrada escritura!" ou "Em nome de Deus!".

uma coisa, como uma tarefa, que se deve realizar e que há um sentido na vida humana. Eu me lembro de que, durante a Guerra Mundial, esperava-se o ataque dos alemães e, sobretudo, o ataque aéreo. Eu me encontrava sob a proteção civil e, portanto, deveria refletir sobre a possibilidade de uma morte imediata. Eu havia começado meu livro *Aurora consurgens*[7] e alguma coisa em mim se desesperava. Não tinha medo de morrer, mas tinha o sentimento de que essa obra não seria terminada. Nesse momento vi, muito claramente, que a tarefa, que cumprir sua tarefa seria o importante e nem tanto a vida pessoal. E isso ficou comigo para sempre. Eu tinha o sentimento de que não morreria, que eu esperava não morrer antes que tivesse terminado minha tarefa. E agora, com setenta anos, tenho o sentimento: "*Agora*, posso morrer, pois eu, mais ou menos, terminei minha tarefa". Se ainda há um pequeno prolongamento, há coisas a serem feitas, mas o essencial está feito. E nesse sentido, isso lhe dá um sentimento subjetivo de que, como você diz, há algo a ser cumprido na vida, de que somos obreiros. Temos alguma coisa a ser feita e é isso que nos preserva na vida. É por isso que, quando a vida não tem mais sentido, as pessoas morrem até mesmo de um resfriado. De repente, elas morrem. A tarefa está cumprida e elas não podem mais continuar, ficam bloqueadas.

CM: Sim. Tem-se bem a impressão de que se temos, de fato, uma tarefa a ser cumprida, um trabalho a ser levado a termo, a vida vai nos dar os meios físicos de se chegar ao término da empreitada. Se não houver mais nada a fazer, efetivamente, o corpo abandona o empreendimento.

MLvF: Sim, absolutamente. É o sentido que nos sustenta na vida: enquanto houver um sentido, pode-se viver, mesmo em

[7] Von Franz, M.-L., "Aurora Consurgens", *in* Jung, C.G., *Mysterium Conjunctionis* OC.14/3, Petrópolis: Vozes, 6ª ed., 2011.

condições muito pouco favoráveis. Mas isso lhe dá, subjetivamente, a convicção de que a vida é um trabalho a ser cumprido, um esforço a ser feito, que tem a ver com esse fruto que, então, permanecerá no além.

CM: Aí o corpo está inteiramente sob a dependência afetuosa do psiquismo?

MLvF: Sim. Vemos sempre, nas curas milagrosas (por exemplo, as curas milagrosas de cânceres etc.), que o psiquismo pode, algumas vezes, dominar até mesmo as doenças mais graves do corpo. Isso depende inteiramente de a vida ter ainda um sentido. Porque não há destino absoluto, há também uma liberdade. Vi isso agora com um velho colega que tinha uma doença muito grave. Ele teve um sonho que dizia: "*Você pode continuar a viver se quiser*". Ele fez um grande esforço e sarou. Isso dependia de sua vontade; portanto, era livre para escolher. Logo, há um destino e uma liberdade ao mesmo tempo.

CM: Nesse caso, o sonho era destino ou liberdade?

MLvF: É o sonho que o diz. Às vezes, ele lhe diz: "é seu destino morrer", então não há mais nada a fazer. Às vezes, ele diz: "você pode se salvar se quiser", então a pessoa pode se salvar. Portanto, o sonho lhe diz se você tem liberdade de fazê-lo ou não.

LA: Nesse caso, portanto, o sonho seria o portador de quê? Seria o sonho de quem, de quê?

MLvF: Do *Self*. Ou bem o *Self* nos diz: "Eu o destinei a morrer, você nada pode fazer, é melhor se submeter"; ou bem o *Self*

diz: "Ainda não está decidido, se quiser você ainda pode continuar".

LA: Não obstante, decidir é uma palavra assaz antropomórfica; decidir por quem? Isto significa decidir, mas, não obstante, ainda não está decidido, é tudo ainda muito misterioso.

MLvF: Sim, é um grande mistério, sobre o qual não posso falar.

LA: Sim, compreendo.

MLvF: Há ainda esse problema do *fatum*, do destino, de um lado, e da liberdade humana, do outro. Nós não podemos decidir porque vemos sempre os dois casos. Existem casos em que se tem o sentimento de que há um destino inelutável, ao qual é preciso se submeter. Existem também documentos e fatos que mostram que há uma margem de liberdade.

SUMÁRIO

5 Introdução à coleção Amor e Psique

7 Nota da edição brasileira

11 O grito de Merlin

57 Os sonhos e o destino